



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

SEVERINO FÉLIX DOS SANTOS

JOÃO PESSOA

2022

SEVERINO FÉLIX DOS SANTOS

**ESTRANHAMENTOS E RUPTURAS NA OBRA *QUARTO DE DESPEJO*, DE
CAROLINA MARIA DE JESUS**

Trabalho de conclusão do curso apresentado à
coordenação do Curso de Licenciatura em letras
– Língua Portuguesa, da Universidade Federal
da Paraíba, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em Letras
Língua Portuguesa.

Orientadora: prof. Dra Franciane Conceição da
Silva.

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237e Santos, Severino Felix dos.
Estranhamentos e rupturas na obra Quarto de Despejo,
de Carolina Maria de Jesus. / Severino Felix dos
Santos. - João Pessoa, 2022.
56 f.

Orientadora : Franciane Conceição da Silva.
Monografia (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
2022.

1. Jesus, Carolina Maria de. 2. Literatura
afro-brasileira. 3. Violência. 4. Rupturas. I. Silva,
Franciane Conceição da. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82

Elaborado por MARIA MARIA DE OLIVEIRA - CRB-15/485

**ESTRANHAMENTOS E RUPTURAS NA OBRA *QUARTO DE DESPEJO*, DE
CAROLINA MARIA DE JESUS**

Trabalho de conclusão do curso apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura em letras – Língua Portuguesa, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras Língua Portuguesa.

Orientadora: prof. Dra Franciane Conceição da Silva.

Data de Aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Franciane Conceição da Silva
(Orientadora – UFPB/DLCV)

Luciana Calado Deplagne
(Examinadora-UFPB/DLEM)

Raffaella Andréa Fernandez
(Examinadora-UFMG)

JOÃO PESSOA

2022

O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome.

A fome é professora.

Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças.

(Carolina Maria de Jesus, 1960)

Agradecimentos

Agradeço, de modo todo especial, a minha Professora e Orientadora, Dr^a. Franciane Conceição da Silva, que abriu as portas da Literatura Negra para mim já no finalzinho do curso, quando ainda não havia me encantado totalmente pela Literatura. Será que se não fosse a Francy, eu havia conhecido bell hooks, Grada Kilomba, Beatriz Nascimento? Se não fosse Francy, eu havia conhecido Miram Alves, Conceição Evaristo, Cristiane Sobral, Maria Firmina dos Reis, Geni Guimarães, Esmeralda Ribeiro, Esmeralda do Carmo Ortiz, Carolina Maria de Jesus e tantas outras mulheres, negras, potentes e fantásticas da Literatura Brasileira e mundial? Francy me fez acreditar que é preciso pensar para além de todos os tipos de cercas que nos aprisionam, sobretudo aquelas que almejam nos aprisionar de nossos sonhos, desejos. E em sua primeira aula em nossa turma, ancorada em Guimarães Rosa, nos disse que: “tudo que a vida requer da gente é CORAGEM”. Obrigado, Franciane, pela paciência, pelas dicas maravilhosas e pelas transgressões que me ensinaste.

Agradeço à banca examinadora, Profa. Dra. Raffaella Fernandez e Profa. Dra. Luciana Calado, pela disponibilidade, pela leitura primorosa do trabalho e pela importante contribuição.

Agradeço aos colegas/amigos(as) de turma com quem dividi momentos felizes e amargos: Jorge Luiz, Karenn, Tamyris, Giulliana e João Victor.

Hacia todas y todos muchas gracias, siempre. Porque tengo ganas de quedarme con ustedes y los estranharé en mis senderos...

RESUMO

A literatura canônica, que em si mesma é racista, no decorrer de seu desenvolvimento tem corroborado com o processo de injustiça, violência e violação dos direitos e da dignidade da pessoa humana. Esta literatura tem excluído aqueles que foram deixados de fora pela História e contribuído/reforçado com o sufocamento de vozes negras em nossa sociedade. Noutras palavras, ela tem sido cúmplice com os processos de exclusão, marginalização e violência efetivados na história humana. Por que *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada (1995) pode ser considerado uma autêntica literatura? Carolina Maria de Jesus, a partir de seu lugar de fala, apresenta a realidade da favela, o retrato da fome, da violência, da maldade e da marginalização humana. A autenticidade, originalidade, criatividade daquilo que escreveu não foi/ é considerado para alguns letrados como literatura. Estranhamentos e rupturas na obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, ressalta a vocação de poeta da escritora, de sua notória intelectualidade, como também dos fortes traços de uma literatura existencialista e do realismo feroz existentes em sua obra, e da pedagogia da Fome desenvolvida pela escritora, de modo especial, na sua obra mais conhecida. Para embasar as análises empreendidas no decorrer da pesquisa, utilizaremos como suporte teórico: Divina Perpétua (2014); Tom Farias (2018); Raffaella Fernandez (2019), Amanda Crispim (2022) e Jacques Rancière (2020).

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; Literatura Afro-brasileira; violência; rupturas,

ABSTRACT

The canonical literature, which in itself is racist, in the course of its development has corroborated the process of injustice, violence and violation of the rights and dignity of the human person. This literature has excluded those who were left out by History and contributed/reinforced with the stifling of black voices in our society. In other words, it has been an accomplice to the processes of exclusion, marginalization and violence carried out in human history. Why can *Quarto de Despejo: diary of a favelada* (1995) be considered authentic literature? Carolina Maria de Jesus, based on her speech, presents the reality of the favela, the portrait of hunger, violence and human marginalization. The authenticity, originality, creativity of what she wrote was/is not considered by some scholars as literature. Estrangements and ruptures in the work *Quarto de Despejo*, by Carolina Maria de Jesus, emphasizes the vocation of the writer as a poet, her notorious intellectuality, including the strong traits of an existentialist literature and her fierce realism in her work, and the pedagogy of Hunger developed by the writer, especially in her best-known work. In order to support the analyzes undertaken during the research, we will use as theoretical support: Divina Perpétua (2014); Tom Farias (2018); Raffaella Fernandez (2019), Amanda Crispim (2022) and Jacques Rancière (2020).

Keywords: Carolina Maria de Jesus; Afro-Brazilian literature; violence; ruptures

SUMÁRIO

Introdução:	10
1.Quais são os estranhamentos provocados pelo <i>Quarto de Despejo</i>?	14
1.1 Carolina é uma poetisa:.....	14
1.2 Os estranhamentos do <i>Quarto de Despejo</i>	22
1.3 Carolina Maria de Jesus: uma intelectual.....	29
1.4 Pobreza e Literatura.....	35
2 Quais as novidades que Carolina apresenta para a Literatura?	42
2.1 A pedagogia da Fome.....	42
2.2 Literatura Existencial:.....	48
3 Considerações finais:	53
4 Referências	55

INTRDODUÇÃO

A minha inquietação – aquela que deu origem a este trabalho - começou logo na minha primeira graduação em Filosofia pela UFPI, quando me pus a indagar: só existem filósofos? As mulheres não são filósofas? Se existem filósofas por que não nos apresentam? Depois ingressei no curso de Teologia pela ICESP (Instituto Católicos de Estudos Superiores do Piauí) e me deparei com um curso onde em sua organização curricular só apareciam teólogos e nenhuma mulher. Outra vez encontro-me com o mesmo problema: onde estão as mulheres teólogas? Em seguida, entro noutra Licenciatura de Pedagogia na UFPB e, como já estava bem mais crítico, desta vez me vem de uma maneira, ainda mais inquietante. Onde estão as pedagogas? Por que só homens brancos e na sua maioria, estrangeiros, escreveram sobre a ciência pedagógica? Porém, a revolta não parou por aí. Por forças do destino, sei lá, começo a estudar Letras português também na UFPB. E desta vez a insatisfação e crise foi sem precedência: onde estão as mulheres? Elas não escrevem literatura? Elas não pensam? Porque tantos homens na literatura, e na sua grande maioria, brancos, héteros e de classe social bem sucedida? É aí que me encontro com a professora Franciane Conceição da Silva, que abre os horizontes de uma nova forma de pensar, de ser, de fazer ciência. E nos apresenta uma série de mulheres cuja literatura é simplesmente potente: Esmeralda do Carmo Ortiz, Miram Alves, Conceição Evaristo, Cristiane Sobral, Maria Firmina dos Reis e aquela pela qual me encantei/mais me identifiquei: Carolina Maria de Jesus. Li obras de todas estas mulheres, mas nenhuma delas me deixou tão inquieto quanto Carolina. E hoje, com mais de 20 obras devoradas delas e sobre ela, a minha sede aumenta. Este trabalho é apenas um ensaio de viagens sem viagens que farei com Carolina Maria de Jesus. E parte das respostas sobre as perguntas que elaborei acima se encontram aqui.

Carolina Maria de Jesus teria sido uma mulher comum se não fosse a sua profunda fome de leitura e de escrita. A produção literária de Carolina ficou muito conhecida, e muitas vezes restrita, a sua obra *Quarto de Despejo*, objeto de nossa pesquisa. *Quarto de Despejo*, *Antologia pessoal*, *Pedaços de Fome*, *Provérbios*, *Diário de Bitita*, *Casa de Alvenaria* são obras fundamentais para a história da literatura brasileira e mundial, apesar das tentativas de silenciamentos pelas quais passou a nossa escritora. Porém, além destas obras citadas, Carolina Maria de Jesus escreveu romances, contos, provérbios, pensamentos, textos humorísticos curtos, letras de músicas, cartas, peças teatrais, roteiro

de filmes e, claro, diário pessoal, uma série de obras que foram, no decorrer da história da literatura brasileira, ignorados pela literatura canônica.

Este trabalho é grito profético e fecundo no desejo profundo de que a violência cometida contra a literatura feminina de autoria negra, não mais se repita nos espaços acadêmicos, científicos e populares, mas que esta literatura seja reconhecida, respeitada e propagada nos meios diversos como forma legítima de respeito às diferenças e as pluralidades de pensamentos em todas as dimensões e recônditos humanos.

Carolina ficou reconhecida por muitas pessoas como a negra, favelada, que ao ser “descoberta” por Audálio Dantas conseguiu ser reconhecida no Brasil e para além de nosso país. Poucos sabem e reconhecem que muito mais que fome de pão, Carolina Maria de Jesus tinha fome de ser reconhecida, de ser lida, de ser respeitada, fome de beleza, de sabedoria, fome de fome, fome de não mais ter fome e fome que transcende a fome no sentido de a fome sentida por ela se convertesse numa voz profética e potente para que o Brasil aprenda na fome a não mais ter fome e a lutar contra a fome.

Pádua (2010), advoga que a literatura tanto questiona como, e principalmente, reproduz discursos, propala ideologias, reforça valores e estratos sociais que se mantêm no poder. Neste sentido, é preciso repensar uma nova teoria e uma nova prática desestabilizadora, inconformista e rebelde que se contraponha as antigas práticas engessadas, homogêneas e dogmáticas que matam as utopias dos seres humanos nesta sociedade. Traduzindo isto para o campo da literatura, é preciso entender que assim como não existe uma sociedade homogênea, também a literatura símbolo e representação de um povo não pode ser homogênea e que uma das maiores violências que cometemos na escola e na sociedade como todo, é tratarmos as pessoas que são todas diferentes com iguais. Violências, aliás, vivenciada por Carolina Maria de Jesus durante e depois de sua vida terrena, por ter uma escrita potente, visceral e assim ser considerada inferior por alguns pensadores, como no caso de Joel Rufino dos Santos, que chegou a duvidar da autenticidade de sua escrita, considerando-a uma grafomaníaca, escrevinhadora e um caso de bovarismo pelas letras: “se punha muito acima do que era, superior a seus vizinhos, e, por esta crença, sofreu e foi feliz”. O termo bovarismo vem de Mme. Emma Bovary personagem, de Flaubert (1821- 1880) (1821-1880), e significa a distância entre o que se pretende ser e o que se é realmente. O que não pode ser aplicado à escritora de Sacramentos.

Este trabalho quer discorrer sobre os estranhamentos e rupturas na obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus. É chegado, enfim, a hora de apresentarmos estas questões que nos propomos a pesquisar durante nossas investigações.

No primeiro capítulo, discuti sobre “quais são os estranhamentos provocados pelo *Quarto de Despejo*”. Aqui destaco, em primeiro lugar a vocação poética de Carolina Maria de Jesus. Ela, desde muito jovem, já se descobria como poetisa, ao escrever sua linguagem que a autora utiliza para narrar o seu desejo é caracterizada pela oralidade e singeleza, como nos versos “Quem reside nesta casinha/que é um verdadeiro primor”, os quais se assemelham aos seus primeiros versos que fizera à irmã Maria José, em Franca – São Paulo, quando ali trabalhava na cozinha de uma casa de idosos (FERREIRA, 2022). Vejamos que beleza e naturalidade a poeta apresenta nos seguintes versos, retirados de um poema chamado de *Quadros* que tem 85 estrofes, todas de quatro versos, quase todos heptassílabos e rimados: “ninguém amou a poesia/ certamente mais do que eu/ nem mesmo Gonçalves Dias/ nem Casemiro de Abreu” (FERREIRA, 2022, p. 232).

E para endossar ainda mais esta patente vocação poética no seu poema “Segredo oculto”, ela se mostra uma mulher que ama, romântica, meiga e carinhosa, nas palavras da pesquisadora

Podemos dizer que esse seja o traço mais interessante da poética de Carolina, pois, mesmo em meio a diversas outras urgências sociais, ela insiste em apresentar um eu lírico que sofre por amor em vez de denunciar a fome. Esse movimento é revolucionário, já que o amor foi tantas vezes negado às poéticas negras, porque acreditava-se que escritores negros só pudessem utilizar a literatura para falar sobre o racismo. Carolina descobre o amor, declara esse amor e luta por ele em todas as fases da sua produção poética, humanizando o sujeito lírico negro, provando que ele também é capaz de amar (FERREIRA, 2022, p. 254).

No primeiro capítulo, ancorado no escritor francês Jacques Rancière, destaco a notória intelectualidade de Carolina Maria de Jesus. A escritora, de fato é uma mulher extraordinária e excepcional, com apenas dois anos de escolaridade, desenvolveu uma inteligência que supera em grande medida a muitos letrados, doutores e pessoas que vivem mergulhados na pesquisa científica e acadêmica. A escritora sacramentiana tinha uma consciência crítica sem precedentes.

Vejamos que a citação seguinte corrobora com esta temática da intelectualidade e sabedoria mesma, presentes na figura de Carolina Maria de Jesus

Ela resolveu construir um barraco no Canindé, e apesar de todas as dificuldades catar papel compensava porque, nas horas livres e nas horas e nas noites a dedicação aos livros era exclusiva. No Canindé, se não fossem as brigas que minha mãe apartava, geralmente á noite, a nossa situação favorecia a sua atividade criativa. Sua miséria, como disse antes, era comprometida pelos livros. Tanto que a favela foi o lugar onde mais trabalhos foram produzidos: ensaios, poemas (JESUS, 1994, p. 93).

A citação acima revela o quanto Carolina Maria de Jesus é uma intelectual transgressora. Transgride o espaço, a forma, a ordem e sabe fazer-se e refazer-se constantemente. Carolina é uma sábia que consegue compensar a miséria com os livros. Isto é revolucionário, no sentido mais profundo do termo.

No segundo capítulo, discorro sobre *Quais as novidades que Carolina apresenta para a Literatura*. Aqui, chamo atenção para uma potente pedagogia da fome criada a partir dos escritos de Carolina Maria de Jesus, sobretudo, em seu *Quarto de Despejo* (1995), objeto de nossa pesquisa. Aqui, verificamos que a fome em Carolina é uma constante. Mas ela transforma a sua fome biológica, material, física em fome metafísica. Existem, ao meu ver, uma pedagogia da fome na autora de *Quarto de Despejo*. Uma fome metafísica anterior à fome biológica, uma fome biológica caracterizada a partir da escassez de alimentos que vivenciou e uma fome posterior a esta segunda, formada a partir do seu desejo insaciável de ler tudo que encontrasse ao seu redor e escrever para driblar a própria fome.

1 Quais são os estranhamentos provocados pelo *Quarto de Despejo*?

“Eu disse; o meu sonho é escrever!

Responde o branco: ela é louca.

O que as negras devem fazer...

É ir pro tanque lavar roupa”

(Carolina Maria de Jesus)

1.1 Carolina é uma poetisa

No período que estudei Filosofia, ainda muito jovem, fiquei bastante incomodado pelo fato de haver tantos homens filósofos e quase nenhum nome de uma mulher filósofa me foi apresentado durante todo curso. Ao me deparar com o Bacharelado em Teologia, tive a mesma surpresa: cadê as teólogas? Não existem? E para engrossar ainda mais a minha tristeza e espanto, ao estudar Pedagogia também fiquei decepcionados com a escassez de nomes de mulheres na educação. Por que tantos homens? E na sua grande maioria brancos e europeus? Onde estão as mulheres? Não pensam? Não escrevem? Não produzem ciência? Não existem? O que está acontecendo? Mas a minha indignação não parou por aí, porque além de não encontrar nomes de muitas mulheres na graduação, nas especializações que fiz, também não foi diferente. E por fim, chegando à Graduação em Letras a queda foi sem precedentes porque além de já ter percorrido um pouco pelo campo de várias ciências e já estar um pouco amadurecido, me deparei com um curso onde não me foi apresentado quase nenhuma mulher. Onde estão as mulheres? Será que pensar é algo eminentemente restrito aos homens? A obra *As mulheres ou os silêncios da história* de Michele Perrot (2005), que iremos trazer para nossa reflexão em vários momentos dessa pesquisa, nos deixou ainda mais indignado.

Foi neste contexto de desencantos e encantos que me encontrei com a figura de Carolina Maria de Jesus, grande escritora, poeta, compositora, que viveu durante anos na extinta favela do Canindé, próximo ao Rio Tietê, na cidade de São Paulo. Segundo a professora e pesquisadora Raffaella Fernandez, Carolina Maria de Jesus tem mais de 4 mil páginas manuscritas. Ficou muito conhecida por suas obras *O Diário de Bitita*, *Casa de Alvenaria* e, sobretudo, pelo livro *Quarto de Despejo* (1960), considerado um *best*

seller, traduzido em mais de 16 línguas e obra que servirá de base para nossa pesquisa. Carolina, no entanto, é também autora de uma riquíssima produção de romances, provérbios, contos, letras de músicas, poemas, peças teatrais, entre outras. A escritora, ao longo de sua vida e pós vida, foi violentada das mais diferentes formas porque além de encontrar tantas dificuldades de sua obra ser considerada Literatura por uma classe sem capacidade de compreender a complexidade da escrita caroliniana, enquanto esteve viva, as obras de Carolina não foram publicadas do modo como ela queria, e aquelas que foram produzidas sofreram adições, supressões para que recebessem uma aparência que agradasse uma elite que se acha proprietária da arte literária e da cultura em geral.

O jornalista e pesquisador Tom Farias (2018), numa pesquisa que elaborou sobre a biografia de Carolina Maria de Jesus apresenta, em várias passagens, provas reais das supressões, adições e transformações que o texto da escritora passou para que fosse aceito pela mídia e pela mentalidade dos/das brasileiros/as daquele período. Além do pesquisador citado, outras estudiosas como: Raffaella Fernandez (1999), Amanda Crispim (2022) e Elzira Divina Perpétua (2014) relatam este “trabalho” perverso pelo qual passou a obra de Carolina, sobretudo, o *Quarto de Despejo*. Perpétua, ao analisar o prefácio feito por Dantas para a primeira publicação de seu livro, assim se pronuncia:

Nesse prefácio, o editor de *Quarto de Despejo* dá a conhecer ao futuro leitor do diário que exerceu a função de mediador entre a produção e a recepção da obra. De fato, Audálio Dantas “normalizou” o manuscrito de Carolina, estabelecendo uma correspondência entre o texto e o horizonte de expectativa do leitor, que já fora preparado anteriormente pelo *marketing* das reportagens. Entretanto, ao fazê-lo, ele alterou profundamente o texto de Carolina, como veremos no capítulo em que o cotejamos com o manuscrito, sem levar em conta que a “inextricável rede do texto” de que fala Barthes (1987, p. 82-83) compõe um emaranhado de muitos outros textos que dialogam entre si e que, nele, um sujeito se desfaz. Nesse sentido, até mesmo determinadas adequações ortográfica, em vez de contribuir para dar maior nitidez ao seu escrevente, pode escamotear a imagem produzida pela linguagem (PERPÉtua, 2014, p. 80).

Isto não pode ser considerado uma clara violência? Não poder publicar o que se pensa, do modo que pensa? Neste sentido, cabe-nos a princípio, algumas indagações: Audálio Dantas descobriu Carolina? Carolina Maria de Jesus descobriu o jornalista Audálio Dantas? Como seria a vida de Carolina Maria de Jesus se não tivesse aparecido em sua casa a figura daquele homem? Como teria sido o percurso final e a vida de Audálio Dantas sem o conhecimento, a relação, a influência de Carolina? Quem descobriu quem? Os dois se descobriram reciprocamente? Aqui reside problemas para uma pesquisa a parte.

Porém, antes de me prolongar mais na reflexão, gostaria de trazer algumas palavras sintetizadas a respeito da figura de Audálio Dantas. Quem foi este personagem tão falado na biografia de Carolina Maria de Jesus? Audálio Dantas foi, na época, um jornalista bastante conhecido nas rádios e canais de televisão da grande São Paulo. Irmão e colaborador de Paulo Dantas, diretor da revista Francisco Alves. Na ocasião, havia sido convidado a fazer uma reportagem sobre as favelas de São Paulo onde encontrou com Carolina Maria de Jesus que, durante uma briga com uma mulher na favela, dizia que ia colocar o seu nome no seu diário. O repórter e jornalista se interessa em saber do que se tratava e a escritora o convida a ir até seu barracão e lá mostra os seus vários cadernos escritos.

Por que será que essa exclusão daqueles/as que já foram marginalizados pela sociedade acontece? Roberto Schwarz ao se referir a *Macabeia* diz que “Macabeia é tudo que é não”.

E é como o humano desnudo que Macabéia vai ser apresentada, resumida a si mesma, carente de origens (pai e mãe, de quem desconhece até os nomes), impossibilitada de reproduzir (dotada de ovários murchos), desligada da cidade de onde veio e daquela onde vive, sem amigos, seu contacto com o mundo se faz pelo programa cultural da Rádio Relógio que ela não chega a compreender. De fato, a carência de Macabéia é total; porém não chama a atenção e não merece nem piedade, nem esforço de luta, já que ela é uma alienada. Está aí: a sua carência é máxima e reside justamente no fato de ser ela também maximamente alienada, inconsciente. Macabéia é tudo o que é não: é feia – mas não chama a atenção, nem pela feiura; não é branca, não é preta, não é mulata: é pardecinta, ou encardida; é tuberculosa – mas não sabe quais são os riscos da doença; é burra- mas é datilógrafa, o que já é ter pelo menos o status de alfabetizada; é nordestina- mas vive na cidade do Rio de Janeiro; tem total inconsciência de sua condição – acha que é feliz; é delicada e fina por educação- uma educação- uma educação feita pelo castigo corporal – educação que, por sua vez, nada tem a ver com a sua condição. Enfim, tão jovem e já com ferrugem. Macabéia é uma incompetente para a vida. Isto inclui a sua incompetência para a luta de classes. Nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável. Macabéia, feita de contradições, reúne em si a pobreza econômica, física, alimentar e intelectual, de saúde, de costumes, de lazer, sempre segundo os padrões dominantes. Ela é minoria. Representa, pois, os grupos minorizados. Por isso não tem espalho na sociedade (SCHWARZ, 1983, p.155).

Será que a mesma tese de Schwarz sobre Macabéia podemos aplicar à Carolina Maria de Jesus? Carolina não é casada, não é graduada, não é empregada formalmente, não é branca, não é rica, não é possuidora dos mesmos padrões de beleza da sociedade europeia, não é frequentante assídua de nenhuma religião, não é submissa a homem nem a patrão, não é acadêmica, não é igual às outras mulheres que são “escravizadas” durante o dia e a noite pelos maridos que batem nelas como se fossem uma zabumba, como

Carolina mesmo denuncia em *Quarto de Despejo*. Aliás, mesma a ideia de alienada que Macabéia recebe, Joel Rufino dos Santos (2009), também atribui a Carolina Maria de Jesus.

Como adoramos desafios, vamos começar então pelo menos aceito entre uma elite preconceituosa, refletindo sobre a poética de Carolina Maria de Jesus. Lendo e relendo cuidadosamente alguns de seus escritos encontramos traços de uma poesia engajada. Por que tanta dificuldade em encontrar em Carolina Maria de Jesus a presença de uma poesia objetiva, engajada, poesia popular e uma poesia pé no chão? Acreditamos que antes de prosseguir nessa reflexão faz-se pertinente pensarmos mais profundamente sobre algumas questões: o que é poesia? O que é arte? O que é literatura? Quem é o/a escritor/a? O que é escrever? Para que ou por que escrevemos? Para quem escrevemos? Como a arte pode permanecer fechada sobre a égide de um cânone literário que se converteu caduco diante da diversidade, heterogeneidade, mudança e criatividade humanas? Mas, voltando à pergunta que nos interessa mais neste momento, indagamos: o que é poesia? Esta mesma pergunta não pode ser separada de uma outra diferente e complementar da primeira: quem é o/a poeta?

As primeiras e mais puras imagens de poesia que nos vem à mente são daquela poesia canônica composta por dois quartetos e dois tercetos, com rima, métrica, aquilo que os teóricos chamam de soneto. Obviamente que essa representação artística não deixa de ser poesia, mas não podemos limitar a ideia do gênero poesia àquelas publicações que recebem o aval da crítica, formada, na maioria das vezes, por homens, brancos, velhos e de uma determinada elite. Em grande parte das vezes, eles têm o perfil do autor que é considerado “grande” por esse mesmo grupo.

De acordo com Arruda (2016), no ano de 1941, fomentada por um amigo, que a aconselhou a mostrar seus escritos a algum jornalista da grande São Paulo, Carolina teria apresentado os seus textos a Vili Aureli, jornalista e escritor paulista, de quem teria recebido a denominação de poetisa. Perplexa, intimidada e cheia de dúvidas, Carolina conta que não perguntou o significado da palavra poetisa. Já no bonde, pediu a um senhor companheiro de poltrona que lhe dissesse o que seria poetisa. Ele teria respondido que poetisa “é mulher que tem o pensamento “poético” (PERPÉTUA, 2014, p.59). Ao ficar sabendo da boca de Carolina que o homem a havia chamado de poetisa, o senhor a teria perguntado se ela pretendia escrever livros. E em um momento quase epifânico a autora

de *Quarto de Despejo* compreende o “ser poeta” após ler trechos de um livro de Casimiro de Abreu.

A seguir apresentaremos fragmentos da obra *Quarto de Despejo* que nos leva à uma reflexão maravilhosa sobre a linguagem poética de Carolina Maria de Jesus:

A noite está tépida. O céu está salpicado de estrelas. Eu que sou exótica gostaria de recortar um pedaço do céu para fazer um vestido” (JESUS, 1995, p. 28).

No trecho a seguir, mais uma vez a presença da imagem do vestido e as metáforas tão características da obra de Carolina:

...Eu dormi. E tive um sonho maravilhosos. Sonhei que eu era um anjo. Meu vestido era amplo. Mangas longas cor de rosa. Eu ia de terra para o céu. E pegava as estrelas na mão para contemplá-las. Conversar com as estrelas. Elas organizaram um espetáculo para homenagear-me. Dançavam ao meu redor e formavam um risco luminoso. Quando despertei pensei: eu sou tão pobre. Não posso ir num espetáculo, por isso Deus envia-me estes sonhos deslumbrantes para a minha alma dolorida. Ao Deus que me protege, envio os meus agradecimentos (JESUS, 1995, p. 107).

Os trechos acima, embora não apresentando a estrutura de uma poesia como aquela considerada modelo na instituição canônica, demonstram a linguagem rica de símbolos, figuras imaginativas, de simbologias próprias de uma autora engajada com uma escrita comprometida socialmente e com um labor estético. A pesquisadora Amanda Crispim Ferreira numa potente pesquisa acerca da poesia de Carolina Maria de Jesus, assim se pronuncia

Nosso interesse neste trabalho é observar sua obra para além dos estigmas de uma voz testemunhal restrita às vivências do Canindé. Queremos acessar os poemas e compreender a poética de Carolina. Essa poética que, assim como um quilombo representou refúgio, resistência e liberdade para os escravizados, abriga os mesmos sentidos para a escritora. Era seu refúgio diante da realidade opressora, pois, por meio da palavra no papel, a poeta criava o seu lugar e o seu porto seguro diante das agruras da realidade na qual estava inserida. Era resistência, porque foi o seu meio de reagir aos silenciamentos fixados. Além disso, os próprios poemas resistiram às carências materiais, às imposições da elite literária e ao racismo, pois a escritora nunca parou de escrever seus versos, reescreveu-os e infiltrou-se na literatura. É liberdade, pois criava versos para libertar-se dos estereótipos impostos e do estojo de marfim que tentaram aprisionar a poetisa e poema. Em seu barraco, às margens do Tietê, encontra na arte poética o seu quilombo, o seu modo de subverter o destino decretado e construir sua história (FERREIRA, 2022, p. 20).

Carolina mesmo não tendo consciência inicial do seu ser poético, desde a mais tenra idade já trazia consigo os traços de uma poesia impregnada de uma linguagem inovadora e comprometida ética e politicamente, uma escrita heterogênea, uma narrativa idiossincrática que bebia em várias fontes biográficas e bibliográficas. Ela fazia do seu

cotidiano uma poesia encarnada, real, transgressora. “Como é horrível ver um pobre lamentando-se. A voz do pobre não tem poesia” (JESUS, 1960, p. 123).

Na obra *Carolina Maria de Jesus. Meu sonho é escrever* (2019), organizada por Raffaella Fernandez, somos surpreendidos com o texto *A empregada*. A vida toda de Carolina Maria de Jesus foi marcada por uma inquietude que era peculiar de sua personalidade. Este texto citado é uma espécie de síntese sobre as vivências do seu eu lírico na busca de encontrar-se consigo mesma e das intempéries experienciadas na sua vida de empregada. Parafraseando (FARIAS, 2018, p. 112), na agitada cidade São Paulo não se sabe quanto tempo Carolina Maria de Jesus ficou trabalhando com a professora Dona Romélia e o seu esposo, o dentista Luiz. Mas não parece ter sido um período tão prolongado assim, como acontecia nos seus outros trabalhos. Se formos imaginar o entra e sai de empregos que, desde a sua adolescência passou, o que não foi diferente em Sacramento, Uberaba, Ribeirão Preto, Sales de Oliveira, Jardinópolis, Orlândia, França, em São Paulo, entre outros lugares, esta realidade não mudou muito.

De maneira poética, assim a voz narrativa nos apresenta a protagonista da história:

Uma jovem deixou o interior e veio empregar-se em São Paulo para ganhar mais. Não presenciou São Paulo com seu bulício e seu clima enigmático. Enfim, ela estava descontente e regressou ao interior. As amigas foram cumprimentá-la e foram saber que tal é São Paulo. Ela respondeu-lhes assim:

Quando eu era empregada
Sofri tanta humilhação
Às vezes eu tinha vontade
De dar uma surra no meu patrão

Era um patrão malcriado
Não me deixava parar um segundo
E o diabo ainda falava
De mim para todo mundo.
Obrigava eu levantar
A uma da madrugada.
E ainda andava dizendo
“esta malandra não faz nada”

Se a gente dá um passo,
O diabo está sempre atrás
Vive sempre pondo defeito
Em todo serviço que a gente faz

Não gostei de trabalhar,
Foi para as donas de pensão,
Que quer tudo muito limpo
Mas não quer comprar sabão

Se a gente dá um passo
A diaba está sempre junto.
Vive sempre observando,
Se a empregada come muito

Vive sempre pondo defeito
Em todo serviço que a gente faz

(FARIAS, 2018, p. 144).

De acordo com a pesquisadora Raffaella Fernandez, podemos notar nesse texto que Carolina Maria de Jesus procurou elaborar elementos do seu cotidiano fazendo uso de palavras e expressões que fazem parte de um vocabulário mais elaborado, como no caso da expressão “bulício” e “clima enigmático”. Um outro ponto que merece uma observação particular é a estrutura dos versos do seu poema, quase todos com sete sílabas poéticas – redondilha maior -, o que nos remete ao estilo da poesia antiga, que fazia uso desse modelo de versificação. Essa maneira de escrever pode ser considerada, neste caso particular, a evidência de que Carolina Maria de Jesus tinha pretensão, de alguma maneira, de tornar a sua escrita mais sofisticada, aproximando-a de um gênero textual consagrado. A utilização desse tipo de métrica certamente se explique pelo fato de nossa escritora ser também uma compositora de música, aliando a isso o ritmo das frases, mesmo que em muitos versos se verifique a quebra do ritmo, isto é, com menos ou mais de sete sílabas.

A narrativa também carrega traços da forma do conto quando situa o acontecimento, no tempo, utilizando o passado perfeito, e no espaço da narrativa a cidade de São Paulo, do ponto de vista do narrador já situado no seu interior. A trama fragmentada repete elementos das narrativas do quadro anterior, tanto nos aspectos de fábula quanto na versificação, ao reproduzir em versos a narrativa da empregada ao seu auditório, composto pelas amigas. Daí decorrem os traços de oralidade, percebidos no verso anterior como poesia popular (FERNANDEZ, 1999, 120)

Consonante Jacques Rancière (2020, p.101) ser poeta é traduzir duas vezes. Carolina traduzia em versos do português brasileiro a dor de uma mãe que assistia a morte de seu filho, vítima da desnutrição, a cólera dos pobres favelados ao presenciar toneladas de arroz e linguiça serem jogadas às margens do rio Tietê para que os pobres não pudessem comer. A angústia de uma trabalhadora doméstica dia e noite sob o olhar opressor de uma dona de pensão, que mesmo sem pagar direito e oferecer boas condições de trabalho, exigia serviço perfeito. Ela sabia traduzir a tradução dos *Miseráveis*, de Vitor Hugo. Traduziu por diversas vezes a tradução que Lima Barreto fez da realidade na qual estava inserido. Assim como Rancière, Carolina sabia muito bem que todo o poder do poeta se concentra em dois atos: a tradução e a contratradução. Ademais, sabia que o poema, em certo sentido, é sempre a ausência de um outro poema: como poema mudo

que é a ternura de uma mãe ou a fúria de um trabalhador faminto e desempregado. E em poucos e raros casos, o primeiro se aproxima do segundo, até o ponto de imitá-lo.

O poema é sempre ausência de um poema. A vida toda de Carolina estava grávida deste segundo poema. Sua linguagem crítica e destemida, seu olhar carregado de sonho e esperanças, apesar das intempéries de sua vida, sua postura de mãe que não sossegava enquanto seus filhos não comessem. Carolina escreveu uma poesia para poucos. É preciso aprender a ler para entender sua voz poética anunciadora de novo povir e denunciadora de um sistema cruel que ceifava e violava todos os dias a vida e a dignidade humana dos pobres favelados. A escritora empurrou a miséria para fora por meio de sua escrita, usando uma expressão de Raffaella Fernandez: “*Quarto de despejo* é um dos pouquíssimos livros feitos por quem escreveu o que realmente viveu” FERNANDEZ, 1999, p. 77)

Rancière é enfático ao se referir aquilo que estou defendendo como o poema e a poesia. A teoria de Rancière se encaixa em cheio dentro daquilo que Carolina concebia como poema.

Consideremos, por exemplo, essa terna mãe, que vê seu filho voltar de uma longa guerra. Ela experimenta uma comoção que não lhe permite falar. Mas esses longos abraços; esses enleios de um amor que parece temer uma nova separação; esses olhos onde a alegria brilha, em meio a lágrimas; essa boca que sorri, para servir de intérprete para a equívoca linguagem do choro; esses beijos, esses olhares, essa atitude, esses suspiros, mesmo esse silêncio, em resumo, toda essa improvisação não é muito mais eloquente do que os poemas? (RANCIÈRE, 2020, p. 100).

A obra de Raffaella Fernandez *A poética de resíduos de Carolina Maria de Jesus* (1999), vai nos dar um embasamento importante para reafirmar aquilo que estamos tentando construir sobre a figura poética de Carolina. Inspirados em (FERNANDEZ, 1999), podemos dizer, em consonância com a pesquisadora, que a escrita que muitas vezes é denominada de “estética da fome”, “literatura marginal” ou “literatura periférica” pode ser muito bem compreendida como poética de resíduos, um tipo de reciclagem literária semelhante a uma composição que vai pouco a pouco colocando no seu texto pedaços de discursos alheios. Carolina fez isso com muita propriedade. Ela bebeu em fontes de diversos autores. Nesse contexto, quando observamos a narrativa de Carolina, concluímos que Carolina é uma autodidata, uma pesquisadora exemplar e uma leitora assídua.

A ambientação cênica é um espaço onde tudo pode acontecer, traçando mais uma vez o conceito de catadora, da acumuladora que coloca dentro de seu espaço narrativo tudo que encontra pelo caminho, sem uma definição específica. Para construir sua poética de resíduos, Carolina de Jesus ia acumulando elemento que considerava interessante para usar como acessório. Em sua escrita orgânica, vai montando, colocando centões, e dando formas às coisas já ao seu tempo marginalizada em seu valor estético. Nesse sentido sua prática de pastiche insere-se no espírito modernista de reaproveitar fragmentos de estilemas esboçando o anacrônico como estatuto contemporâneo (FERNANDEZ, 1999).

Ironicamente, a escritora ficou conhecida por aqueles que pouco conhece sua história, seus escritos, como a escritora catadora de papel, mas Carolina era uma mulher inteligentíssima que sabia colecionar virtudes humanas e coisas boas. Ela mesma confessou que já que não conseguia acumular muitas coisas, resolveu, pois, acumular paciência, por isso ela se insere muito bem na fala de Raffaella Fernandez, acima.

1.2 Os estranhamentos do *Quarto de despejo*

Tendo mostrado um tipo de estranhamento na vasta obra de Carolina Maria de Jesus, agora, pois, é chegado o momento oportuno de dizermos o que seria um estranhamento e por que a palavra estranhamento numa sociedade ainda marcada pelo racismo, machismo, xenofobia, misoginia, em síntese, num Brasil marcado pela dificuldade de lidar e conviver com tudo que é diferente.

A palavra estranhamento tem um vasto e rico significado para a Filosofia. Estranhamento, encantamento, maravilhamento, estarrecimento e admiração são todas utilizadas na Filosofia. E segundo Martin Heidegger, um dos nomes mais significativos da Filosofia alemã do século XX, a Filosofia nasceu com o estranhamento e a admiração. Além de Heidegger, podemos encontrar uma série de outros filósofos que discutem a problemática da Admiração e do estranhamento na Filosofia, a saber, Platão, Aristóteles, René Descartes, Baruch Espinosa, Blaise Pascal, José Ferrater Mora e Gerd Alberto Bornheim (NODARI, 2011, pp. 27-35). Admirar é mirar de perto, é ver por dentro, com olhos auxiliados por microscópio ou lupa. É captar o pulsar da vida que teimosamente resiste a continuar o seu percurso. É perceber o desabrochar da vida, sua luta, sua resistência e sua dinâmica. É encantar-se com o segredo e mistério da vida que, teimosamente, renasce a cada manhã e tece raízes mais fortes e mais resistentes a cada dia. A verdadeira admiração é simplesmente desconcertante, vê diferente. É ver o que poucos logram ver. Ver pela primeira vez algo ou alguém, que já estávamos acostumados

em ver cotidianamente. Admirar é entender que o extraordinário acontece dentro da ordinariedade da vida. Nesta mesma linha, segue Antoine de Saint- Exupéry quando declama que o essencial é invisível aos olhos. Admirar é isso, não ver o que todos veem e ver o que quase ninguém consegue ver (MEIER, 2006, p. 43).

Há muita gente que só consegue ver o que vê e vê muito mal o que está diante dos seus olhos. Estas pessoas estão muito distantes do mundo da admiração e do estranhamento. A forma mais perfeita de ver é ver o invisível através do invisível. Aquilo que é invisível só se capta por meio daquilo que também é invisível. Só por meio daquilo que é metafísico ou sobrenatural, para utilizar uma palavra teológica, logramos ver aquilo que é também metafísico, imaterial, subjetivo. Realmente, quando estamos ficando mais velhos e precisamos de óculos para ver melhor ou exatamente quando começamos a ver menos que começamos concomitantemente a ver mais e melhor. Porque começamos a ver com a pele, os ouvidos, o coração, a boca, nariz...começamos a ver com a alma. Isso é estranho e estranhamento diante daquilo que só pode ser como sempre foi, a literatura, a escrita, a arte, a poesia, por exemplo. O filósofo e pesquisador Paulo César Nodari (2011), ancorado em Francis Wolff, disse que filosofar é repetir o “o que é” (NODARI, 2011, p. 44). E fazendo isso passar ao limite. Querer saber o que a coisa realmente é, em seu próprio ser; é admitir que não se pode nem se deve parar naquilo que parece ser a coisa, pois ela é única, singular, não sendo parecida com nenhuma outra coisa, é una, permanecendo ela própria independentemente do que pensa outrem. Os gregos têm uma expressão para isso sem igual: *apax*. *Apax* é uma palavra de difícil tradução para a língua portuguesa. Mas podemos nos aproximar dela dizendo que *apax* é aquilo que é incomparável. Assim é o homem, a literatura e tantos outros seres e realidades (RUBIO, 2001, p. 345).

Dito isso, agora podemos pensar que estranhamentos ou admiração provoca a obra de Carolina Maria de Jesus e, além disso, por que provoca estranhamentos? Repitamos mais uma vez o conceito de filosofar. Filosofar é repetir sem cessar o “o que é”. O que é isso? Quem é esta mulher? Por que escreve assim? Com que ou onde aprendeu? O quê? Na obra *Quarto de Despejo* nos deparamos com uma série de eventos e narrativas de Carolina Maria de Jesus que tem causado estranhamento, sobretudo naqueles que estavam acostumados com um tipo de literatura advinda do homem, branco, hétero. Este tipo de literatura causa estranhamento nessas pessoas porque muitas vezes estão mal acostumadas com um tipo de literatura que tanto questiona como, e principalmente,

reproduz discursos, propaga ideologias, reforça valores de estratos sociais que se mantem no poder.

De manhã estou sempre nervosa. Com medo de não arranjar dinheiro para comprar o que comer. Mas hoje é segunda feira e tem muito papel na rua (...) o senhor Manuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. e que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal (JESUS, 1995, p. 44).

Uma das narrativas de Carolina Maria de Jesus que nos deixa mais chocados e que causa estranhamento para muitos olhos pseudoadaptados é exatamente esta cena. Numa sociedade em que as mulheres são condicionadas a casar, ter filhos, cuidar de casa, ser submissa aos maridos. Carolina tem filhos, mas não se submete viver sob as dependências de homem algum. Aliás, rompendo com o preconceito e não estando nem aí para o que pensa os outros, ela conhece vários homens com os quais tem relações afetivas, sem se deixar apegar por eles. Quanto espírito de liberdade! E ademais, é o que nos espanta mais ainda: Carolina tem consciência e proclama isso em alta voz que homem algum vai conseguir viver com uma mulher que não consegue viver sem livros, sem leitura, sem escrever (JESUS, 1960, p. 44). Que se deita e levanta com cadernos. E que sai e interrompe suas horas de cama para ler. E acrescenta que tem um ideal de vida. Sua missão, seu ideal era escrever.

Para concluir, eu não bebo porque não gosto, e acabou-se. Eu prefiro empregar o meu dinheiro em livros do que no alcool. Se você achar que eu estou agindo acertadamente, peço-te para dizer: - muito bem, Carolina, (JESUS, 1995, p. 63).

Numa sociedade onde as pessoas para serem consideradas normais e serem aceitas, muitas vezes, têm que começar a fazer o que todos fazem, e neste intuito começam a beber muito cedo e deixam de viver outras fases da vida. Carolina se recusa a ser esta pessoa igual a outras e o faz de modo decidido.

“Eu já estou na favela há 11 anos e tenho nojo de presenciar estas cenas” (JESUS, 1995, p.69). Aqui, a nossa autora demonstra mais uma vez que por questões sociais e outras questões veio parar na favela, mas Carolina consciente que não nascemos pobres nem silenciados, mas somos empobrecidos vítima de um sistema predatório e desumano, como também somos silenciados por outros que não aceitam ou tem medo de ouvir a nossa voz. Carolina não se acostuma a viver naquele ambiente incipiente.

Sabe mamãe, a Dona Rosa me jogou bosta no rosto. Eu acendi o fogo, esquentei água e lavei as crianças. Fiquei horrorizada com a maldade da Dona Rosa (...) Ela sabe que aqui na favela não pode alugar barracão. Mas ela aluga. É a pior senhora que eu já vi na vida. Por que será que o pobre não tem dó do outro pobre? (JESUS, 1995, p. 72).

Carolina é uma filósofa. E em outros momentos vamos provar isso. Nos faz pensar radicalmente. Lendo, relendo a obra *Quarto de Despejo*, podemos nos deparar com uma narrativa imbuída de questionamentos. São muitas as interrogações que compõem os escritos de Carolina. A escrita de mulheres negras movimenta vários corpos. Não apenas os corpos negros. Porque elas são potentes, são reais. Engana-se quem pensa que a literatura das mulheres negras só atinge as mulheres negras. A literatura das mulheres negras é humana. Um grito de libertação. São diferentes os atravessamentos dessas falas. O homem branco se movimenta de uma maneira, o homem negro de outra, a mulher negra ou branca de uma outra. “Se você sente dor está vivo. Mas se sente a dor do outro é humano (ARRUDA, 2016, 139).

Estava horrorizada com a cena que o Alexandre representou de madrugada, (JESUS, 1995, p. 88), Ajuntou a criançada para presenciar a cena que eu reprovou. Espetáculo improprio (JESUS, 1995, p. 88).

Nesta citação de *Quarto de Despejo* é impressionante percebermos o quanto Carolina sempre fica horrorizada com cenas que para outras pessoas eram tão comuns ou normais. Isso comprova-nos mais uma vez a sua capacidade de reflexão, seu espírito crítico e filosófico e além de tudo o quanto causa estranhamento numa mulher que poderia ser tão igual as outras.

Lendo a tese doutoral de Elzira Divina perpétua, 2014, nos damos conta da quantidade de trechos que foi suprimido no processo de edição das obras de Carolina Maria de Jesus. O que representa, como já acenamos, um claro processo de violência por que passou a escritora em todo seu percurso de vida e pós vida. O trabalho de Perpétua foi de pesquisar os textos manuscritos de Carolina fazendo uma comparação com os textos publicados tal como conhecemos hoje em dia. Nos causa um enorme estranhamento a verificação das supressões, acréscimos, e substituições de passagens significativas de seu pensamento. Ademais ela fez um trabalho passando pelo epitexto, peritexto, parimpitexto até chegar no texto que temos em mãos. E nos resta perguntar por que Audálio Dantas fez tantas mudanças nos seus textos? Que estranho! O que ele queria ver? O que ele não queria que as pessoas vissem? Não seria estranho demais uma mulher

negra com pouca escolaridade ver coisas que um jornalista formado em Faculdades de renome não conseguia ver? Na perspectiva da pesquisadora Elzira Perpétua:

Nota-se que o texto suprimido expõe uma face peculiar de Carolina de Jesus: o conhecimento filosófico e a reflexão sobre o valor da palavra que ela demonstra denotam uma formação intelectual inesperada. Há, portanto, um apagamento da excepcionalidade de Carolina, do qual se obtém o estereótipo da favelada com escolaridade incompleta. Na composição estereotipada, a única excepcionalidade admitida em Carolina será quase apenas em relação à sua capacidade de denunciar, pela escrita, as agruras dos miseráveis e de descrever a vida na favela e, por isso, será erigida em porta-voz da coletividade onde vivia. As demonstrações de conhecimento e reflexão estão fora desse parâmetro e, portanto, do perfil que *Quarto de despejo* pretende traçar (PERPETUA, 2014, p. 161).

Todas essas citações retiradas de *Quarto de despejo*, a nosso ver, causam estranhamento sim porque elas são visionárias, transgressoras, nos fazem ver além do que fora dito. Outro aspecto que nos aponta para estes estranhamentos são os deslizes gramaticais de Carolina Maria de Jesus que são oriundos de sua pouca estadia na Escola, apenas segundo ano primário ela conseguiu terminar e logo teve que interromper os anos escolares, pois foi morar em uma fazenda no interior de Minas Gerais, onde fora trabalhar com a mãe e o padrasto. Tom Farias apresenta a tristeza e revolta de Carolina em deixar a escola e mostra que, após alguns dias, a jovem menina já estava bem adaptada naquela vida tranquila e ao redor de alimentos em abundância. Mas voltando a problemática dos “erros” gramaticais da obra *Quarto de despejo*, iremos demonstrar de maneira objetiva, ancorados em Gabriel nascimento, (2019) que o fato de mulheres como Carolina serem tão violentadas no exercício de sua fala e escrita não está simplesmente na escrita. O autor explica “os subterrâneos da linguagem e do racismo”. O subtítulo da obra já diz tudo. Aquilo que não queremos ver, ou não podemos ver, ou apenas algumas pessoas conseguem ver.

Vejamos que por traz do preconceito linguístico, a obra de Carolina é sufocada escondida por um preconceito ainda maior: o preconceito social, violento, causador de tantos sofrimentos aqueles que sendo violentados pela sociedade continuam sendo violentados também em sua forma de ser e de pensar. Como se não bastasse todo processo de genocídio, que assola, sobretudo, negros, indígenas, LGBTQIA+, mulheres, entre outros grupos vulneráveis, surge então outras formas de violação e extermínio da vida por meio daquilo que Gabriel Nascimento chama de epistemicídio e linguicídio. Esta é parte da denúncia feita por ele ao escrever a obra *Racismo Linguístico. Os subterrâneos da linguagem e do racismo* (2019). Aqui, o pesquisador e estudioso de linguística, em

trabalho sério e comprometido, mostra-nos como se dá este tipo de racismo tão arraigado, antigo e, concomitantemente, tão atual.

A origem de epistemicídio no país tem uma ligação com a obra de Sueli Carneiro que, como disse anteriormente, ao usar a ecologia dos saberes de Boaventura de Sousa Santos e a ideia de microfísica do poder em Michel de Foucault, oportunamente traz para o âmbito da questão racial o sentido de culturas de dominação ocidental que matam nossos saberes tradicionais. Como nos explica a autora, epistemicídio é o extermínio do pensamento do outro. É o formato pelo qual a colonialidade sequestra, subtrai (tudo o que puder se apropriar) e apaga os saberes e práticas dos povos originários e tradicionais. Em nosso caso, os negros e indígenas foram as principais vítimas desse epistemicídio (NASCIMENTO, 2019, p. 13).

Vejamos que foi exatamente o que se sucedeu com Carolina Maria de Jesus. A autora além de ser acusada de não saber escrever Literatura é profundamente violentada por se tratar de uma mulher, negra, pobre, favelada, com baixa escolaridade e mãe solo. Aliás, violência é uma das palavras-chave que acompanha a escritora em todo o seu processo de vida, desde Sacramento, sua cidade Natal, até Parelheiros (mais especificamente no Distrito de Parelheiros, interior de São Paulo, onde termina seus dias de vida; sendo marginalizada, ignorada e silenciada violentamente; marcada por uma profunda solidão provocada por aquilo que falou, por que falou, a partir de onde falou. A autora sofreu, em última análise, um visível processo de epistemicídio e de linguicídio.

Linguicídio, que já vem tratado na pesquisa na área de estudos da linguagem (sobretudo, no Brasil, pela discussão crítica de RAJAGOPALAN, 2000), tem uma relação muito diletta com o epistemicídio, porque figura como um epistemicídio que se dá por meio da linguagem (seja na conceituação, nomeação ou discriminação direta) ou das políticas linguísticas. Por isso, ao analisar esse processo de linguicídio, quero apresentar aqui a língua não é só modificada, mas está sempre submetida aos projetos de poder. Ela própria é um projeto de poder, incluindo suas desigualdades, que funda nas origens nacionais o conceito moderno de língua nacional. É a colonialidade que, ao se expandir pela via da Companhia de Jesus, trouxe consigo a língua como um bem imaterial de dominação no país, de maneira a tornar os indígenas cativos dóceis da terra e os negros, animais da terra (NASCIMENTO, 2019, p. 21).

Aliás, esta é também parte da denúncia liderada por Marcos Bagno quando escreveu a sua conhecidíssima obra *Preconceito Linguístico 2013*. Com ela, Bagno relata que, na verdade, por traz deste preconceito se esconde um outro maior que é preconceito social. Vejamos o que nos fala Bagno no que tange ao preconceito linguístico:

O preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa. Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão. Uma receita de bolo não é um bolo, o molode de um vestido não é um vestido, um mapa-mundi não é o mundo...

Também a gramática não é a língua. A língua é um enorme iceberg flutuando no mar do tempo, e a gramática é a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada norma-padrão. Essa descrição, é claro, tem seu valor e seus méritos, mas é parcial (no sentido literal e figurado do termo) e não pode ser autoritariamente aplicada a todo o resto da língua – afinal, a ponta do iceberg que emerge representa apenas o quinto do seu volume total. Mas é essa aplicação autoritária, intolerante e repressiva que impera na ideologia geradora do preconceito linguístico (BAGNO, 2013, p. 20).

Carolina Maria de Jesus sofre durante toda a sua vida este preconceito linguístico por não dominar a norma culta da língua, ou gramática normativa e descritiva, mas a escritora era claramente uma intelectual por produzir obras tão profundas com apenas dois anos de escolaridade. O discurso de Carolina nos faz pensar na tese de WEIL, 2011. O filósofo e psicólogo do Colégio internacional de Brasília sistematizou uma obra fabulosa intitulada de *Normose: a patologia da modernidade* (2011). Segundo Pierre Weil temos três grandes tipos de patologias: a neurose que é grosso modo considerada a doença dos nervos que pode provocar distúrbios na personalidade; temos a psicose que pode ser considerada uma desconexão da realidade caracterizada por delírios, alucinações e a possibilidade de ver coisas que não existem e temos a normose que é uma patologia bastante frequente entre as pessoas. Normose é o mal de querer ser igual a todo mundo. Todo mundo usa droga, faz tatuagem, bebe, casa, o outro tem que repetir o mesmo. Neste sentido, Carolina Maria de Jesus é uma pessoa transgressora e não se enquadra na lista de normóticos. Ela não faz o mesmo que as pessoas de sua rua, da favela ou até mesmo a grande massa brasileira faz, vivendo a mesma ou parecida situação que ela enfrenta todos os dias. Carolina é considerada normal porque não é normótica.

E ainda segundo Martin Heidegger “o ser normal é o ser doente”. Aqueles que são considerados estranhos porque são diferentes, na verdade, são os únicos que conseguem ser normal numa sociedade onde é comum os “anormais” projetarem suas anormalidades sobre os outros. É essa particularidade de Carolina: a consciência de seu ideal de vida que era escrever, de usar seu pensamento como arma contra a opressão, de não aceitar e se adaptar às situações que lhe eram impostas, que faziam dela esse ser “louco”, diferente e causava tanto estranhamento. Aliás, quando lemos as obras sobre Carolina escritas por Elzira Divina Perpétua, Raffaella Fernandez, Aline Alves de Arruda, nos deparamos como uma Carolina que a exemplo de outras mulheres transgressoras, como: Maura Lopes Cançado, Delia Zamudio, Virgínia Woolf, são consideradas loucas por uma elite considerada “normal”. Neste sentido cabe-nos refletir ainda mais sobre o que significa ser normal? O que é norma? Quem diz o que é e quem é normal? Normal é

aquele que mesmo sendo considerado anormal por aqueles que se dizem normal e, no entanto, pode ser “anormal”, age, pensa e vive de maneira normal. Porque é costumeiro projetarmos nossas anormalidades sobre os outros. Carolina é filosoficamente falando uma mulher normal e uma grande intelectual.

1.3 Carolina Maria de Jesus: mulher intelectual

Para aqueles que conhecem pelo menos uma parte dos escritos de Carolina Maria de Jesus, é muito comum a constatação de sua intelectualidade. Cremos que o posicionamento diante da intelectualidade de Carolina nos causa um duplo movimento. Primeiro, estamos sendo justos ao admitir que esta mulher mais do que uma catadora de materiais recicláveis: papeis, papelão, latas, ferro; ela catava sonho, palavras, sentido. Em segundo lugar, a pessoa que não consegue ver Carolina Maria de Jesus como uma mulher intelectual, talvez não saiba o que é inteligência nem tampouco desenvolveu esta dimensão humana. Não podemos deixar de ressaltar que quem age assim, para usar um termo cunhado por Jacques Rancière, é um “embrutecido” (RANCIÈRE, 2020, p. 150).

Lendo *Quarto de despejo* nos deparamos com uma série de passagens onde Carolina Maria de Jesus se apresenta como esta mulher de grande competência intelectual ao mirar as coisas ao seu redor:

Contemplava extasiada o céu cor de anil. E fiquei compreendendo que eu adoro o meu Brasil. O meu olhar posou nos arvoredos que existe no início da rua Pedro Vicente. As folhas moviam-se. Pensei: elas estão aplaudindo este meu gesto de amor a minha Patria (...) Toquei o caminho e fui buscar mais papeies. A Vera ia sorrindo. E eu pensei no Casemiro de Abreu, que disse: “Ri criança. A vida é bela” só se a vida era boa naquele tempo. Porque agora a época apropriada para dizer: “Chora criança. A vida é amarga” (JESUS, 1995, p. 32).

Incrível o poder de percepção, o senso crítico, a capacidade de analogia presentes em toda obra de Carolina Maria de Jesus. E um dos pontos que mais nos chama atenção em sua fala é seu poder de relatar as coisas profundas de modo simples, de forma que qualquer pessoa consiga entender esta nossa poetisa. Notória a intelectualidade de Carolina Maria de Jesus. Uma intelectualidade capaz de derrubar muitas cercas que iam sendo construídas em seu percurso, além disso, esperar por gerações vindouras. Como já acenamos anteriormente, para quem lê a obra de Carolina – que não pode ser reduzida a *Quarto de despejo*- e conhece o mínimo de poesia, de intelectualidade e Filosofia, verifica sem dificuldade o quanto a autora mineira é possuidora destas qualidades. Carolina

escrevia para suspender temporariamente a ordem do trágico. “Quando fico nervosa, não gosto de discutir. Prefiro escrever”.

Os preços aumentam igual as ondas do mar. Cada qual mais forte. Quem luta com as ondas? Só os tubarões. Mas o tubarão mais feroz é o racional. É o terrestre. É o atacadista (JESUS, 1995, p. 54).

Ficamos perplexos diante da capacidade de Carolina Maria de Jesus em falar tanto em curtas frases ou orações muito simples de uma construção morfosintática tão conhecida, mas de um poder de visão encantador. Aqui o interdito ou não dito dizem mais do que o dito: “Mas o tubarão mais feroz é o racional”. Muito parecido com a crítica que filósofos como os frankfurtianos, Edgar Morin, Daniel Goleman, Zigmunt Bauman, Agostinho de Hipona, Tomás de Aquino, Pascal e tantos outros críticos do racionalismo dirigem aos seres racionais. Infelizmente, relacionando o ser racional com os seres não racionais, os primeiros têm ficado num nível inferior de comportamento em relação aos segundos.

Para nos fundamentar bem na intelectualidade de Carolina Maria de Jesus, nessa seção iremos recorrer a Jacques Rancière, filósofo e pedagogo revolucionário que escreveu uma obra na qual discorre sobre as *Cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Neste livro, o pedagogo e filósofo francês conceitua, de modo brilhante, o que vem a ser inteligência humana. Sem deixar de dizer que aquele que não admite a igualdade das inteligências entre as pessoas é um embrutecido. Uma das teses do escritor é justamente defender que existe uma igualdade de inteligência. Mas existe ao mesmo tempo uma desigualdade social que não permite que essas inteligências se manifestem ou se desenvolvam como iguais. Foi exatamente isso que aconteceu com a autora de *Quarto de Despejo*, uma mulher infalivelmente inteligente, mas as situações nas quais foi lançada pela vida não permitiram que ela se desenvolvesse como outras, pelo menos no que diz respeito aos estudos formais, como é o caso de Virgínia Woolf que defendia a necessidade de ter um teto todo seu para que pudesse desenvolver as suas capacidades literárias. Embora Carolina de Jesus tenha superado tantos letrados deste país, pensamos que a tese de Rancière cabe muito bem naquilo que iremos dizer sobre Carolina Maria de Jesus. As escritoras PERPÉTUA, 2014 e ARRUDA, 2016 apresentam uma reflexão onde Carolina Maria de Jesus muitas vezes é comparada com Victor Hugo, Shakespeare.

Voltando a Jacques Rancière, o filósofo insiste em afirmar que quem ensina sem emancipar-se embrutece. E a pessoa emancipada do ponto de ser vista intelectual é aquela

que não apenas percebe, mas aceita e até defendem com veemência que há uma igualdade de inteligência entre as pessoas, igualdade essa que muitas vezes se tornam desiguais porque as condições sociais nas quais elas estão emergidas são injustas.

Permanece embrutecidos aquele que opõe a obra das mãos operárias e do povo que nos alimenta às nuvens da retórica. A fabricação de nuvens é uma obra de arte humana que exige, nem menos, nem mais, tanto trabalho, tanta atenção intelectual quanto a fabricação de calçados e de maçanetas. M. Leminier, o acadêmico, disserta sobre a incapacidade intelectual do povo. M. Leminier é um embrutecido. Mas um embrutecido não, é um tolo, nem um preguiçoso. E seríamos embrutecidos, por nossa vez, se não reconhecêssemos em suas dissertações a mesma arte, a mesma inteligência, o mesmo trabalho que os daqueles que transformam a madeira, a pedra ou o coro. Somente se reconhecermos o trabalho de M. Leminier, seremos capazes de reconhecer a inteligência manifestada pela obra dos mais humildes. (RANCIÈRE, 2020, p.)

Agora, pois prestemos mais atenção na profundidade e intelectualidade das reflexões elaboradas por Carolina e vejamos o quanto há de intelectualidade nas narrativas desta escritora que, muitas vezes, foi tachada de escritora do lixo, favelada, “fidida”, louca e por aí não param os adjetivos pejorativos e depreciativos a ela endereçados por aqueles que se denominam superiores do ponto de vista intelectual.

Quando eu estou com pouco dinheiro procuro não pensar nos filhos que vão pedir pão, pão, café. Desvio meu pensamento para o céu. Penso: será que lá em cima tem habitantes? Será que eles são melhores do que nós? Será que o domínio de lá suplanta o nosso? Será que as nações de lá é variadas igual aqui na terra? Ou é uma nação única? Será que lá existe favela? E se lá existe favela será que quando eu morrer eu vou morar na favela? (JESUS, 1995, p. 45).

Vejamos que em narrativas como estas se apresenta a figura de uma Carolina Maria de Jesus absolutamente questionadora, inquieta e insatisfeita como característica de uma pessoa inteligente que não se contenta com a vida que leva porque além de ter a dimensão da inteligência muito bem desenvolvida, ela tem a consciência de que não nasceu escrava, nem pobre, mas foi escravizada, empobrecida, silenciada, apagada e esquecida nesta dinâmica de desenvolvimento capitalista selvagem. As narrativas de Carolina Maria de Jesus são impregnadas de questionamentos. E a pergunta, tão presentes nas suas narrativas, é própria do Filósofo que sabe que são as perguntas que movem o mundo. Que toda pesquisa e descoberta humana nasceram em torno da pergunta e da insatisfação diante daquilo que se nos apresenta como real. Carolina é uma filósofa porque busca pela pergunta das respostas sem fundamentos que procuram lhe oferecer. Nossa poetisa pergunta a própria pergunta que lhe endereçam aparentemente desinteressada. Ela tem uma vivência impregnada pelo exercício do filosofar porque filosofar, consoantes Nodari 2021, é repetir o “o que é”? (NODARI, 2011, p. 44). E

Carolina estava sempre nesta atitude de espanto de modo a transformar este espanto em inconformismo e rebeldia. E inspirava uma nova postura literária inconformista, desestabilizadora e rebelde que se contrapunha aos antigos escritos literários homogêneos, engessados, que matam a utopia e a criatividade poética, das diversidades de pensamentos de tantos tipos de povos existentes neste chão Brasil, de modo particular, os povos empobrecidos e violados em sua dignidade humana. Sobretudo no que tange as capacidades criativas oriundas do mundo negro, da literatura afro-brasileira e da literatura marginal. Carolina é uma intelectual.

Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade (JESUS, 1995, p. 33).

Verifiquemos o quanto de proposta de uma nova literatura, de transgressividade, de ruptura de estrutura, de realismo e intelectualidade há nos escritos de Carolina Maria de Jesus.

Na minha opinião os atacadistas de São Paulo estão se divertindo com o povo igual os Cesar quando torturava os cristãos. Só que o Cesar da atualidade supera o Cesar do passado. Os outros eram perseguidos pela fé. E nós, pela fome! Naquela época, os que não queriam morrer deixavam de amar a Cristo. Mas nós não podemos deixar de comer (JESUS, 1995, p. 129).

Incrível a atualidade da obra de Carolina Maria de Jesus. Estes dias lendo e relendo a sua obra *Casa de Alvenaria*, pude verificar as inúmeras vezes nas quais ela se refere ao custo de vida brasileiro. Carolina é uma escritora notoriamente intelectual, consciente, crítica e além de tudo “profeta.” Quem não conhece a sua maravilhosa afirmação em *Quarto de Despejo*, de que o Brasil precisava ser governado por alguém que um dia passou fome e isso aconteceu. Mas para afirmar que Carolina é profeta, precisamos entender que o profeta não é um adivinhão. O profeta é aquele que conhecendo tão bem a realidade que o circunda que ele diz o que vai ou, de fato, pode acontecer no futuro. E as características de criticidade, intelectualidade, consciência política são próprias do ser profético carolíneo (ARRUDA, 2016).

Uma das partes mais chocantes e que demonstra este nível de intelectualidade, de consciência política e de crítica científica de Carolina está exatamente aqui. A fome perpassa as suas narrativas, mas Carolina faz da fome física uma fome literária, fome de saber, de liberdade. Podemos claramente dizer que em Carolina Maria de Jesus há uma pedagogia da fome quando ela consegue transcender da fome física à fome de

conhecimentos. Primeiramente, desesperada pela fome, Carolina Maria de Jesus saía de casa ainda de madrugada, catando recicláveis para sobreviver e sustentar os três filhos. Mas a privação de conforto básico e de alimentação lhe trouxe a inquietação da escrita, uma fome insaciável de colocar no papel suas ansiedades e sofrimentos. Quando Carolina não baixa a cabeça diante da fome; Carolina, ao contrário, faz da fome, fome de escrever, de leituras, fome intelectual. Carolina narra sua luta diária contra a fome, o esforço para criar com dignidade os filhos José Carlos, João José e Vera Eunice. A fome é uma constante ao longo de sua obra: “como é horrível ver um filho comer e perguntar: Tem mais? Esta palavra “tem mais” fica oscilando do cérebro de uma mãe que olha a panela e não tem mais” (JESUS, 1983, p. 63).

Cremos que esta questão de pedagogia da fome pode se transformar numa pesquisa a parte. Sim, a fome de Carolina Maria de Jesus é pedagógica. Não podemos falar de sua intelectualidade sem falar desta fome porque nela a fome física se transforma em fome metafísica. É muita fome em *Quarto de Despejo*. Tanta fome em seus escritos que vivenciamos esta experiência peculiar de querer comer enquanto líamos suas obras. E nas palavras de (ARRUDA, 2016), ocupando o espaço da indiscutível subalternidade, sem condições favoráveis à leitura e à escrita, Carolina poderia muito bem ter permanecido em silêncio e apática, como os demais milhares de brasileiros que ainda sobrevivem em situação de exclusão como a sua. Mas a sua fome de comida e o seu anseio de mudar-se da favela a fim de garantir melhores condições de vida para seus filhos tornavam aguda também a sua fome de escrita.

Quando eu fico sem comer, tenho tantos versos que fico quase louca. Com o estomago cheio o serebro, é semi-nómal. Eu chorei... as ideias poéticas em excesso é horrível. (JESUS, 1995).

Noutra passagem do livro é ainda mais impactante sua posição diante da fome sem fim:

Com medo de não arranjar dinheiro para comprar o que comer. Mas hoje é segunda-feira e tem muito papel na rua... O senhor Manoel apareceu dizendo que quer casa-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E deita com lápis e papel debaixo do travesseiro

, 2001, p. 10).

Num período em que no Brasil voltou ao Mapa da fome, que tal se nós brasileiros/as aprendêssemos a lição de Carolina Maria de Jesus: transformar sua fome

física em arma contra o poder opressor. É tempo de nascer novas Carolinas. É tempo de transgredir.

Carolina Maria de Jesus além de ser uma mulher revolucionária, transgressora e intelectual ela era consciente de sua inteligência e admitia a inteligência de outras escritoras de classe social superior a dela como Clarice Lispector, Cecília Meireles, Lígia Fagundes Teles. É preciso sabermos o que significa ser revolucionária para afirmar que Carolina é uma mulher possuidora desta característica ímpar. Henri Nouwen diz que a conversão é o correlativo individual do revolucionário e que ser revolucionário não é ser extremista. Carolina era uma mulher revolucionária porque era convertida, consciente dos limites que os povos enfrentavam fazendo com que não se desenvolvessem como eram capazes. Sabia também que por ter uma escrita de mulher sobre mulheres e sobre questões que pouco interessava à classe detentora de privilégio, sua escrita seria pouco recebida. Ademais, nunca deixou de reconhecer a capacidade e inteligência de outras mulheres pobres como elas, mas que aceitavam viver a situação de subalternidade, muitas vezes apanhando de seus maridos. Ancorados naquilo que Rancière entende e defende por inteligência humana, podemos afirmar claramente que Carolina era uma mulher emancipada intelectualmente.

A emancipação é a consciência dessa igualdade, dessa reciprocidade que, somente ela, permite que a inteligência se atualize pela verificação. O que embrutece o povo não é a falta de instrução, mas a crença na inferioridade de sua inteligência. E o que embrutece os “inferiores” embrutece, ao mesmo tempo, os “superiores”. Pois só verifica sua inteligência aquele que fala a um semelhante, capaz de verificar a igualdade das duas inteligências. Ora, o espírito superior se condena a jamais ser compreendido pelos inferiores. Ele só se assegura de sua inteligência desqualificando aqueles que lhes poderiam recusar esse reconhecimento. A superioridade universal dos inferiores e a inferioridade universal dos superiores se unirá para criar um mundo em que nenhuma inteligência poderá se reconhecer em seu igual. (RANCIÈRE, 2020, p. 66).

Obviamente difícil para um espírito inferior que se considera superior é admitir a superioridade universal dos inferiores e a inferioridade universal dos superiores uma vez que ele não aprendeu ou reaprendeu a ver. Admitir a inteligência de uma mulher, negra, pobre, com pouca escolaridade será equivalente a admitir que esse ser inferior se equipare ou se sobressaia diante da sua pseudo superioridade. E não necessitamos ser ou fazer psicologia para entender que a única maneira daqueles que são inferiores se sentirem superiores é colocando para baixo aqueles que são mais ou iguais a eles. Colocar para

baixo ou diminuir, inclusive não permitindo que esses disponham dos mesmos bens que esses dispõem.

Todavia, pensamos ser interessante entendermos a natureza da Filosofia dos Pensadores da Escola filosófica de Frankfurt – Jurgem Habermas, Theodor Adorno, Félix Wel, Max Horkheimer, Albert Marcuse - para fundamentarmos ainda mais a figura de Carolina Maria de Jesus como uma mulher intelectual. A escola de Frankfurt surge na Alemanha no final da segunda Guerra Mundial, formada por um grupo de pensadores que com o advento da guerra emigraram da Alemanha e se encontravam insatisfeitos com um tipo de filosofia absolutamente subjetiva e individualista. Segundo estes filósofos o tipo de racionalidade desenvolvida até então não havia levado a humanidade para nenhum lugar, a não ser criado vários sistemas totalitários como nazismo, fascismo e stalinismo e levado esta humanidade para duas grandes guerras mundiais. Partindo daí eles criam um tipo de teoria crítica que consiste em perguntar pelos fundamentos e origens últimas das coisas e denunciam a instrumentalização da razão, isto é, um tipo de razão que era usada para se impor diante do outro, sobretudo, os diferentes, aqueles que não caberiam dentro de um pensamento eurocêntrico.

Os frankfurtianos denunciam a instrumentalização da razão e a indústria cultural que não reconhecia e violentava todos aqueles que não se enquadravam dentro deste sistema capitalista selvagem e genocida e, partindo daí eles criaram um novo conceito de inteligência que não seja mais reduzido ao domínio de línguas ou de regras matemáticas, mas que seja capaz de reconhecer a capacidade e o valor de outros, mesmo aqueles que pensam tão diferente de um mesmo. Partindo deste novo conceito de inteligência podemos afirmar mais uma vez a intelectualidade de Carolina Maria de Jesus.

1.4 Pobreza e Literatura

Tentando responder, mesmo que de maneira não exaustiva, a finalidade que deu origem a este capítulo: *Quais são os estranhamentos que o Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus, provoca? E por que provoca?*, depois de termos refletido sobre a temática do estranhamento partindo da filosofia e da literatura, depois de falarmos da produção de Carolina como poeta e da sua intelectualidade, agora, pois, vamos falar da problemática da pobreza na literatura brasileira. De modo especial, das violações e violências sofridas por Jesus pelo fato de escrever sendo mulher negra, pobre e favelada.

Ela mesma, ao longo de seus escritos, discorre sobre os diversos tipos de constrangimentos que sofreu, de modo particular, ao lançar o seu livro mais conhecido.

O senhor Audálio Dantas queria me dominar. Não gostei. Principiei a reagir. Não nasci na época da escravidão. Eu não tinha o direito de fazer nada que o senhor Dantas, observa-me. Uma noite, êle chegou em minha casa e criticou-me porque eu coloquei vários quadros nas paredes. Obrigou-me a retirar aludindo que a minha casa estaria antiquada parecendo galeria. Retirei os quadros em silencio. Mas, xingando o senhor Audálio Dantas mentalmente. Quando vesti uma saia japonêza ele criticou dizendo que eu deveria ser mais simples no vestir. Tudo que eu fazia, êle observava. E assim minha admiração por ele ia arrefecendo. Começou meu calvário. O livro estava sendo bem vendido e o senhor Audálio Dantas estava convencido que havia construído um monumento. Por ter passado muita fome, eu lia o livro sem compreendê-lo. Com o meu nome nos jornais e eu aparecendo nas televisões, eu era um caso excepcional. Enfim, era a minha vida que trocou de cenário. Mas, com toda aquela confusão eu pensava: isto é apenas cenas fictícias. Será que já estou ajustada na vida! Será que estou amarada numa corrente de fio de retroz? Como o melhor advogado é o decorrer da vida, fiquei aguardando o que haveria de vir posteriormente. Mas, não deixei de preocupar-me com a vida na cidade. Para mim, esta casa na rua Bento pereira, não passava de um estojo de vidro (JESUS, 1996, p. 276).

Partindo das inúmeras citações de *Quarto de Despejo* onde Carolina Maria de Jesus se refere aos pobres de maneira direta e indireta, nos fundamentaremos também na obra de Roberto Schwarz sobre *Os pobres na literatura brasileira* (1993), Schwarz organizou este livro com a participação de sessenta escritores partindo da seguinte questão: *como se define e representa a pobreza nas letras brasileiras?*

Uma das teses desenvolvidas na obra de Schwarz é a de defender que a situação da literatura diante da pobreza é uma questão estética radical. Ora, esta é a mesma questão enfrentada por Carolina Maria de Jesus quando ela decide escrever rompendo com alguns padrões instaurados pelo cânone, dogmático e engessado, que não consegue dar conta da heterogeneidade e diversidade cultural e os reais problemas da sociedade na qual Carolina vivia e para além dessa sociedade. Schwarz ressalta que: “Num país que germinava sob peso centralismo administrativo e de insaciável gula fiscal, o que melhor que um poeta branco para surpreender os vícios e os enganos de uma cultura que subestimava tudo aquilo que não fosse branco, ocidental e argentário?” (ARRUDA, 2016)

Schwarz ainda falando sobre a inteligência dos pobres, relata que estes possuem um tipo de inteligência às avessas, da situação de subalternidade vivenciada por Macabeia, relata o lugar dos pobres em José de Alencar, da imbricação entre estética e política na literatura, das violências enfrentadas por Lima Barreto como escritor preto e pobre e do lugar dos pobres em seus escritos, de um tipo de saber que instrumentaliza em

vários níveis a miséria como ficção; como flagelo, e por fim ao falar de um tipo de inexistência da figura dos pobres na obra *Luzia-Homem*, (1990), do autor cearense Domingos Olímpio, assim se posiciona

A narrativa adianta-se trilhando uma casualidade fantasiosa que tampouco segue obedientemente o modelo naturalista. O fatalismo, o pitoresco, implícitos na descrição de grande parte dos episódios, não obedecem a nenhum padrão definido de patologia psicofísica na sua inserção naturalista. “Puros”, “lúbricos”, “fortes”, “deformados”, “despencados” do mundo, “indomáveis”, “castros,” etc., os personagens compõem um quadro certamente maniqueísta, mas também bastante desvelado na seriação dos modelos literários. A cadeia episódica é livremente elaborada pelo autor que não consegue, a não ser em poucos momentos, estabelecer algum nexos real entre enredo, personagem e meio. Sendo tudo, ao contrário, desconexo: o clichê romântico, o traçado regionalista, a informação objetiva – o que chega ao leitor contemporâneo por meio desse conjunto que afinal de contas não o é são exatamente os pobres, objetivo perseguido pelo autor e que lhe escapa na estruturação romanesca. Sua inexistência no plano da intriga como participantes corresponde em suma à sua inexistência como participantes do futuro do progresso de Sobral (SCHWARZ, 1990, p. 56).

E no capítulo dedicado a Carolina Maria de Jesus, intitulado *Trabalho, pobreza e trabalho intelectual*, para relatar o lugar de estranhamento e de não aceitação que esses pobres ocupam na literatura, Schwarz assim se posiciona:

O repúdio da autora à situação em que se encontra é visceral. Da mesma forma e na mesma medida é por ela estranhada. Tanto que no dia em que ia se mudar da favela, depois do sucesso do livro, foi apedrejada pelos vizinhos. O ponto de estranhamento entre Carolina e os favelados é, sem dúvida, o livro. Escrivê-lo foi a forma que encontrou para tentar romper o fechamento do mundo em que vivia. A esperança depositada nessa experiência é grande (SCHWARZ, 1990 p. 211).

Vejamos o que nos relata Schwarz sobre a presença do pobre na literatura romântica e o quanto isto corrobora com o que temos dito e ainda temos a dizer sobre o que enfrentou Carolina por ser uma escritora pobre.

O discurso romântico representa a pobreza pelo recurso ao pitoresco. O pitoresco é a condição de “pobre” quando ele não chega a ser representado em si, mas mascarado pelo tom rústico, que o relaciona positiva e diretamente com o fausto infeliz e citadino da riqueza. O discurso romântico não marca lugares equidistantes e estanques para o rico e o pobre; costuma encobrir a distância por uma aproximação de colorido rústico, mas com resultado brejeiro. O drama romântico, pela aproximação, nega ao mesmo tempo a tragédia e a comédia. O brejeiro é a forma por excelência da ideologia liberal; a “carnavalização” é a última e a mais requintada das formas do brejeiro. A graça e o riso no discurso romântico de Chaplin (o último grande românico) são despertados pela ausência de barreira nítida entre o rico infeliz e o pobre feliz - veja *Luzes da Cidade*. Há por isso, apesar da corrosão social gerada pelo sarcasmo e pela ironia inerentes ao brejeiro, sempre lugar para uma nota de esperanças em dias futuros: um sai em busca do dinheiro que não traz a felicidade e o outro, da felicidade que não traz o dinheiro. Encontram-se numa “conclusão feliz” – como anuncia o último capítulo de *Memórias de um Sargento de milícias*. O

“feliz”, é claro, encontra-se por sua vez irremediavelmente corroído pelo sarcasmo que vai sendo instalado no leitor pelo próprio romance. Em busca da felicidade utópica saem todos, pobres e ricos. Menos nós, leitores, que esboçamos um ligeiro sorriso nos lábios (SCHWARZ, 1990, p. 32).

Vejamos como este discurso é idêntico, por assim dizer, com o que sofreu Carolina Maria de Jesus no seu processo de invisibilização como escritora, por ser mulher, negra e pobre. O seu discurso servia como motivo de risos, sarcasmos e por estar impregnado de uma linguagem rústica, que no dizer de Raffaella Fernandez, se justifica pelo fato de sua formação se dar em Sacramentos, interior da zona rural de sua cidade e na favela da grande metrópole paulista. Raffaella Fernandez deixa muito claro a justificativa deste tipo de escrita de Carolina, que muitas vezes, era concebida de maneira cômico porque se ignorava, com ou sem pretensão, o advento de seus escritos por ser acima de tudo, mulher e pobre e/ou pobre e mulher.

Acrescenta-se a isso que Carolina de Jesus quase sempre escrevia reproduzindo som das palavras. Buscava enriquecer seus escritos por meio de mecanismos da oralidade e do registo literal da voz, repleta de sotaques e até da língua francesa que marcou a *belle époque* brasileira. Ainda inseriu outros sotaques que reverenciou dentro e fora da favela, no percurso de suas andanças entre Minas Gerais e a cidade de São Paulo. Esses são alguns dos traços, delineados por uma escrita singularmente híbrida, labiríntica, inaudita, no favorecimento de um devir coleta- criativo, referencial e correspondente (FERNANDEZ, 1999, p. 105).

Escutemos mais diretamente o que diz Carolina a respeito do pobre e de sua construção literária. No dizer de Raffaella Fernandez, a ensaísta nos mostra, com absoluta sensibilidade, como a autora do ilustre *Quarto de despejo* funde problemas pessoais com sociais, dando destaque para as questões humanas em geral e tudo aquilo que envolve a pobreza e dilacera o indivíduo, como os preconceitos de que ela foi alvo no decorrer de sua vida terrena e de sua transconvivência, para utilizar um termo cunhado por Frei Betto ao se referir as pessoas que já partiram dessa realidade para a outra dimensão.

Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade (JESUS, 1995, p. 20).

Falta-nos palavras para descrever o sentimento de revolta da violência e da hipocrisia que há neste país no que diz respeito a presença dos pobres e/ou empobrecidos e marginalizados nas letras de nosso Brasil. Na história do Brasil, a hegemonia econômica

sempre foi concomitantemente a hegemonia intelectual não porque a inteligência e capacidade estivessem reduzidas ou fossem propriedades desses, mas porque foram eles que tendo acesso aos bens econômicos e sociais eram-lhes facilitados injustamente o acesso às letras. Além disso, e de maneira absurda, não admitiam que pobres, e incluímos aqui todos os tipos de pobres (negros, mulheres, indígenas, quilombolas, ciganos, favelados), não se manifestassem com tais: capazes no que dizem respeito a inteligência. Relembramos mais uma vez a tese de Rancière: existe uma igualdade de inteligência, mas existe ao mesmo tempo uma desigualdade social que não admite que estas inteligências se manifestem como tais. E Rancière adverte que a igualdade permanece a única razão da desigualdade. Ou seja, é preciso entender a obra de Carolina Maria de Jesus como construção diferente dentro da pretensão maldosa de enclausurar todos os pensamentos no interior de uma pretensa igualdade. Neste sentido que a igualdade é uma ameaça a inclusão, a democracia e a própria cidadania. Carolina é diferente e quanto tal deve ser lida, compreendida e respeitada.

Não necessitamos conhecer muito de história para verificar que ainda hoje, sobretudo no interior, aqueles que têm terras, propriedade e engenhos, são chamados de doutores. Doutores sem doutorado são denominados aqueles que têm dinheiro e acesso aos bens econômicos desta terra. Enquanto algumas pessoas que mesmo sendo por título e honestamente doutores/as, não são tão bem reconhecidas porque fogem dos padrões físicos e sociais, injustos e violentos deste país. Carolina Maria de Jesus, embora não fosse doutora e tendo frequentado a escola por apenas dois anos, pode ser considerada uma doutora por sua capacidade de interpretação, sua percepção crítica e de reflexão poética e filosófica diante da realidade que lhe circuncidava. Assim também é o nosso ex-presidente Lula e tantos outros e outras Marias, Josés, Severinos e Joaquins desta terra de Santa Cruz. Ouçamos, uma vez mais, a voz potente da “Doutora Carolina Maria de Jesus:

Vi pobres sair chorando. E as lágrimas dos pobres comove os poetas. Não comove os poetas de salão. Mas os poetas do lixo, os idealistas das favelas, num expectador que assiste e observa as tragédias que os políticos representam em relação ao povo (JESUS, 1995, p. 47).

Quem conhece a história da literatura brasileira sabe que na sua grande maioria estas letras foram pensadas para acalmar, para fazer dormir os homens da casa grande, para fazer sonhar o menino que nasceu rodeado de privilégios. Não estamos negando o caráter crítico, político e filosófico desta Literatura, estamos sim, problematizando que em grande parte ela constitui um pensamento que traz uma espécie de estética partindo

da concepção do homem branco, do pensamento eurocêntrico, falocêntrico e hegemônico. Em diálogo com a grande Conceição Evaristo, precisamos construir uma literatura que ao invés de fazer dormir, acorde e incomode o homem da casa grande, fazendo-o despertar de sua ideologia perversa e de seu sono injusto (ARRUDA, 2016).

Vemos que o relato de Carolina incomoda. Dizer que viu pobres chorando. E que as lágrimas desses pobres incomodam e comovem os poetas. Incomoda aqueles que dormem injustamente. E dorme às vezes para não ver o sofrimento que eles mesmos causam aos esfarrapados do mundo. Não incomoda os poetas de salão porque estes vivem num mundo ilusório onde não se dão conta do custo de vida que assola a sobrevivência do povo.

Não nos faltam posicionamentos direto ou indiretamente ligados a figura do pobre nos escritos de Carolina Maria de Jesus e sua capacidade de empatia e de desenvolvimento de uma literatura comprometida e transgressora que contemplasse a realidade vivenciada e testemunhada por ela mesma e seus semelhantes porque, como se expressou Rafaella Fernandez, 1999, Carolina empurrou a miséria para fora por meio da escrita. A consciência social de Carolina salta aos nossos olhos em muitos momentos da leitura do *Quarto de Despejo*. Seu posicionamento visionário é perceptível em várias passagens do livro, como no trecho abaixo destacado:

Quem deve dirigir é quem tem capacidade. Quem tem dó e amizade ao povo. Quem governa o nosso país é quem tem dinheiro, quem não sabe o que é fome, a dor, e a aflição do pobre. Se a maioria revoltar-se, o que pode fazer a maioria? Eu estou ao lado do pobre, que é o braço. Braço destruído. Precisamos livrar o país dos políticos açambarcadores (JESUS, 1995, p. 33).

Como outrora assinalamos é de causar profunda admiração a posição de Carolina Maria de Jesus no que diz respeito a sua observação da pobreza que circulava ao seu redor. A poetisa deveria ter entrado num processo de pseudoaptação por conviver diariamente com aquela situação, mas ela não perde a oportunidade de denunciar os maus tratos vivenciados pelos pobres, tanto pelo serviço social, como pelos políticos de maneira em geral como pela falta de uma administração que levasse em consideração estes despejados da sociedade paulista, de modo especial. Primeiro ela vivenciou determinada situação, depois ela escreveu. Por isso seus escritos são tão fortes. Os pobres têm um lugar de destaque e respeito nos escritos de Carolina.

Percebi que chegaram novas pessoas para a favela. Estão maltrapilhas e as faces desnutridas. Improvisaram um barracão. Condoí-me de ver tantas agruras reservadas aos proletários. Fitei a nova companheira de infortúnio. Ela olhava a favela, suas lamas e suas crianças pauperrimas. Foi o olhar mais triste que eu

já presenciei. Talvez ela não mais tem ilusão. Entregou sua vida aos cuidados da vida (JESUS, 1995, p. 41).

Noutro momento ela utiliza a sua escrita realista para denunciar a postura de pessoas consideradas menos pobres para com os pobres favelados. Carolina Maria de Jesus com sua escrita comprometida e seu realismo dilacerador não apenas se incomodava pelos tratos que recebia no dia a dia, mas por presenciar as pessoas, as suas semelhantes serem violentados. Para quem leu *Quarto de Despejo* sabe muito bem as vezes que ela foi chamar a polícia para acabar com brigas na favela, as inúmeras vezes que apartou brigas e as incontáveis vezes que se meteu em confusão, sobretudo, para defender os mais fracos e vulneráveis da sociedade paulista. O que diferencia a escrita de Carolina de tantas outras consideradas canônicas é o fato de ela não ser uma escritora de gabinete, que fala a partir de suposições e do ouviu dizer. Suas personagens são reais, têm nome, lugar, idade e principalmente identidade. Carolina é uma escritora que não apenas viveu para escrever, mas que escreveu para viver porque desde cedo entendeu o caráter político e estético de sua literatura. Escrever sempre foi para ela um ato político, um ato visceral.

Os vizinhos de alvenaria olha os favelados com repugnância. Percebo seus olhos de ódio porque eles não quer a favela aqui. Que a favela deturpou o bairro. Que nojo da pobreza. Esquecem eles que na morte todos ficam pobres (JESUS, 1995, p. 49).

Como já acenamos anteriormente, a obra de Carolina Maria de Jesus está repleta de passagem onde ela reflete sobre a problemática da pobreza, outra vez ela denuncia esta questão, outras se colocando de maneira revoltada e indignada no que tange a esta situação que dilacera a vida e coração seja de quem vive como a vida de quem não consegue ter os olhos e coração alijados diante dessa situação desumana.

Pois é. A senhora disse-me que não ia mais comer as coisas do lixo. Foi a primeira vez que vi a minha palavra falhar. Eu disse: - é eu tinha fé no Kubstchek. - a senhora tinha fé e agora não tem mais? Não, meu filho. A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso paiz tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo que está fraco, morre um dia. Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido (JESUS, 1995, p. 35).

Está aqui uma das passagens, ao nosso ver, mais impactante de *Quarto de Despejo*, aqui, a intelectual Carolina Maria de Jesus “abre seu coração em gloriosos projetos de modo a transcender a ‘experiência da pobreza’ que sustenta sua literatura” (FERNANDEZ, 1999, p. 60). Certamente esteja aí a essência do ser poético, aquele que

usa da palavra, sua sonoridade, poder, seu encanto, sua magia e mística para ressoar os gritos dos escravizados e empobrecidos. Ao invés daquela poesia canônica que na sua grande maioria pouco incomoda, pouco denuncia e quase nada rompe com o convencional. E para citar mais uma vez Schwarz “basta não confundir poesia e obra de ciência, e não ser pedante, para dar-se conta do óbvio: que poetas sabem muito sobre muita coisa, inclusive, por exemplo, sobre a pobreza (SCHWARZ, 1983).

2 Quais as novidades que Carolina Maria de Jesus apresenta para a Literatura

*Eu sei que vou morrer porque a fome
é a pior das enfermidades*
Carolina Maria de Jesus

2.1 A pedagogia da fome

Estas linhas escritas sobre a pedagogia da fome, inspiradas na vida e obra da escritora mineira da cidade de sacramento, nascida em 14 de março de 1914, Carolina Maria de Jesus, despontou num tempo repleto de incertezas e desconhecimentos: em alguns de seus escritos autobiográficos, revela dúvidas quanto à exatidão do ano de seu nascimento e diz nunca ter conhecido o pai. Apelidada de “Bitita”, era frequentemente apontada pelos familiares como uma criança inteligente e questionadora. Carolina só frequentou a escola apenas durante dois anos. Logo teve que abandonar a escola para ir morar numa fazenda com sua mãe e padrasto de onde foram expulsos alguns anos depois porque o seu patrão suspeitava que a família estava ficando rica por ter algumas galinhas e ter o que comer. Depois daí inicia uma longa história passando de casas em casas como empregada doméstica até a morte de sua mãe. Passando esta temporada vem se instalar na grande cidade de São Paulo como moradora de rua. Concebeu três filhos: João José, José Carlos e Vera Eunice e foi parar às margens do Rio Tietê, na extinta favela de Canindé, onde começa a sua vida de escritora.

No decorrer das leituras que fiz de quase vinte obras de Carolina Maria de Jesus ou sobre ela, tive muitas crises existenciais, me revoltei e, confesso que muitas vezes parava a leitura da obra para ir comer, algumas vezes correr, caminhar... porque sua literatura me inquieta, me inspira, me sacode... vivenciei a experiência de vários atravessamentos no percorrer do estudo dos textos de Carolina. Uma das temáticas que

encontrei com muita frequência nos seus escritos é o que chamo de “pedagogia da fome”. Entre Raffaella Fernandez, Elzira Divina Perpétua, Sirlene Barbosa, Aline Alves Arruda, Roberto Schwarz, Fernanda Miranda, Audálio Dantas, Conceição Evaristo e tantas outras escritoras e escritores que pesquisaram sua obra, ninguém falou de pedagogia da fome, eu como pedagogo de vocação e formação que sou, vejo na fome que Carolina sentiu, na fome que ela descreveu e denunciou uma evidente pedagogia. Umas das pedagogas mais legítimas entre todas: a fome.

A fome literária de Carolina Maria de Jesus não prescinde de sua fome biológica, material. A fome de escrita sua é superior à sua fome antropológica. Podemos dizer claramente que em Carolina Maria de Jesus, toda a fome literária é humana, é metafísica, é transcendental. Mas nem toda fome biológica é humana, porque para fome biológica ou material ser humana tem que ter ou ser algo a mais: nos levar para além de nós mesmos, criar em nós outras fomes subjetivas. Quero, pois, explicar melhor esta ideia de a fome biológica não poder ser humana. A fome biológica e material que Carolina Maria de Jesus e hoje, nós brasileiros sentimos, não é humana no sentido de que é um absurdo num país tão rico, onde toneladas de alimentos continuam sendo estragadas e jogadas fora, se testemunhar seres humanos morrendo de fome. Esta fome não é humana ou por ser tão perversa, talvez, por isso, essa fome seja humana até demais. É diabólica, desumanizante, é cínica, é ridícula, é estúpida e chega até a nos faltar palavras para conceituá-la, exatamente pela gravidade de sua existência. Mas esta fome pode ser humana e pode humanizar, se nós brasileiros aprendêssemos a lição de Carolina Maria de Jesus: transcender da fome biológica à fome existencial. A escritora mineira tinha fome de ser reconhecida, fome de ser lida, fome de ser respeitada, fome de ser ela mesma, fome, de justiça, fome de direitos humanos. Carolina tinha fome de fome de outras fomes. Fome para além da fome.

Durante o dia Carolina catava papéis e nas horas “vagas”, noites e madrugadas catava e viajava nas palavras. Agora vejamos o porquê que no decorrer da minha história, mesmo vindo de família pobre onde também passei fome, nunca encontrei ninguém que me ensinasse tanto por meio da fome como Carolina. De todas as pessoas que passaram fome e das pessoas que escreveram sobre a fome ninguém conseguiu criar uma pedagogia da fome a altura de Carolina Maria de Jesus.

Em 18 de dezembro de 1959, a autora fez a seguinte confissão:

Quando eu fico sem comer, Tenho tantos versos que fico quase louca. Com o estomago cheio o cérebro é semi-normal. Eu chorei porque... as ideias poéticas em excesso é horrível (JESUS,1995, p. 30).

Eu fico a me perguntar e questionar profundo e amargamente: ah se nosso povo dilacerado profundamente pela fome, encontrasse na fome uma fome que nenhum alimento pudesse saciá-lo! Quem dera que o povo que sente fome aprendesse a não mais se calar perante os escravizadores da gente! Quem dera o povo brasileiro aprendesse com a fome a reivindicar, a transgredir, a reinventar-se, a votar em políticos bons, a acabar com os criadores de fome e que da fome e na fome encontrasse o caminho! Quem dera nosso povo aprendesse, na fome, a quebrar as cercas que geram seca!

Em outro momento, a autora de *Quarto de Despejo* assim nos ensina por meio da fome:

Eu lutava para ficar livre do pensamento poético que me impedia o sono. Percebi que andando de um lado para outro o pensamento poético dissipava um pouco. Quando sentia fome as ideias eram mais intensas, comendo algo eu notava que diminuía, e passei a ter medo da fome. Passei a trabalhar de pressa, andar com rapidez, não parava um segundo para me cansar, deitar e adormecer logo. Não posso sentar por muito tempo. É que se eu ficar sem mover-me os versos começam a surgir. (...) Creio que já familiarizei com esta miniatura de calvário. Quando percebo que estou exausta, sento com um lápis na mão e escrevo (JESUS,1994, p.188-198).

E fico me perguntando, se não fosse a fome na vida de Carolina se ela teria escrito uma obra para ser traduzida em 21 países? Se não fosse a fome, a Carolina teria se tornado a escritora que vendeu mais do que Jorge Amado na época da publicação de seu livro *Quarto de despejo*? Se a sua obra teria se tornado objeto de tantos estudos a nível de mestrado e doutorado, no país e fora do país? Se a escritora teria se tornado cidadã paulista, se teria viajado tantos países da América Latina para apresentar a sua obra? E os “se” não terminam por aí. Penso, ademais, que em Carolina havia uma fome anterior a fome que ela sentia. Aliás, os seus próprios escritos biográficos demonstram uma menina que, desde os primeiros tempos de sua vida era inquieta, irritava a sua mãe, tias e vizinhas pelo seu modo interrogativo de ser, por ser tão diferente das demais crianças. Penso se não fosse a fome com a qual Carolina veio ao mundo, ela não teria sentido tanta fome, isto é, a escritora teria se acomodado com qualquer pedaço de pão e com o estilo de vida que levara e não teria se transformado no que é hoje. Ademais não teria transformado a tantas pessoas a partir de sua transformação pessoal, sobretudo, pela fome.

Primeiramente, desesperada pela fome, Carolina Maria de Jesus saía de casa ainda de madrugada, catando recicláveis para sobreviver e sustentar os três filhos. Mas a privação de conforto básico e de alimentação lhe trouxe a inquietação da escrita, uma

fome insaciável de colocar no papel suas ansiedades e sofrimentos. É muita fome em palavras, é muita fome dentro e fora dos escritos de Carolina. Quero dizer, é fome que gera a escrita, fome durante a escrita, fome denunciada por meio de sua escrita. A fome transcende a fome em Carolina Maria de Jesus.

Em uma ligeira entrevista que acompanha a edição de *Quarto de Despejo*, de 2021, da Ática, Carolina é questionada por que começou a escrever, ao que responde: “Quando não tinha nada o que comer, em vez de xingar, eu escrevia. Tem pessoas que, quando estão nervosas, xingam ou pensam na morte como solução. Eu escrevia o meu diário” (JESUS, 2021. p.170).

Nessa resposta de Carolina, vemos a concepção de escrita como compensação, forma de driblar a fome e de passar o tempo, ou como transcendência, no sentido de que escrever desreferencializa espacial e temporalmente as pessoas. É a escrita como cura, como terapia. Todavia, parafraseando Raffaella Fernandez, a pobreza de Carolina e o seu “semianalfabetíssimo” não podem ser tomados como índices de alienação. Ao contrário, foram motivadores para que ela buscasse ultrapassar sua condição de excluída e marginalizada. É aqui exatamente onde vemos que a fome de Carolina se converte em uma clara pedagogia. Creio que algumas perguntas se ornem bem pertinentes neste contexto e, sobretudo, num contexto pandêmico, marcado pelos altos preços dos gêneros alimentícios e profundamente selados pelos frutos deletérios da guerra da Rússia contra a Ucrânia: por que fazemos o que fazemos? Por que não fazemos o que não fazemos? O que fazemos do que fazemos? O que não fazemos daquelas coisas que não conseguimos fazer? O que fazemos das nossas ausências? O que é que a gente faz com o que não tem? Que fome deve nascer da fome? Que fome é insaciável? Que fome deve ser anterior a toda fome? Carolina converteu sua fome em uma mestra e professora para ela e para gerações vindouras? E nós o que fazemos de nossa fome? Qual é a nossa fome? Por que não temos fome? Que fome você tem de sua ausência de fome? E a pergunta que não quer calar: qual é a fome das fomes? Qual é a pedagogia da fome?

Em outra passagem, Carolina nos emociona, nos inspira, e nos ensina:

Com medo de não arranjar dinheiro para comprar o que comer. Mas hoje é segunda feira e tem muito papel na rua. O senhor Manoel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E se levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro (JESUS, 2001, p. 10).

É muita fome... fome de comida, de leitura, escrita. Que fome Carolina cria em você? Em mim, ela já fez o seu trabalho e continua a fazer: a escritora tem me despertado do sono que dormia e me feito acreditar para além das cercas que geram secas e me feito tomar consciência do sufocamento e o silenciamento de vozes negras em nossa sociedade e em nossa literatura e não para por aí as influências da escritora na minha vida. A fome é uma constante ao longo da obra: “Como é horrível ver um filho comer e perguntar: tem mais? Esta palavra tem mais fica oscilando no cérebro de uma mãe que olha a panela e não tem mais” (JESUS, 1993, p. 83). E a pior coisa para uma mãe é ouvir esta sinfonia: “Mamãe eu quero pão. Mamãe, eu estou com fome! Eu estou triste porque não tenho nada para comer” (JESUS, p. 62).

No processo de reflexão sobre a pedagogia da fome ancorada em *Quarto de despejo*, me dei conta que uma das obras mais conhecidas de Carolina Maria de Jesus é *Pedaços da fome* (1963). Embora nossa investigação parta de *Quarto de despejo* não podemos jamais deixar de citar a grandeza desta obra e do quanto ela corrobora com o desenvolvimento da reflexão sobre a fome, que estamos realizando neste trabalho.

O livro *Pedaços da fome* é um romance de ficção de Carolina Maria de Jesus, que embora, se trate de uma história inventada, é bastante real no que tange ao retrato do Brasil do início da década de 1960. A obra não foi reeditada e está esgotada no mercado editorial brasileiro. A sua única edição é de 1963, um ano antes do golpe militar que contribui com o silenciamento da pensadora negra brasileira que era conhecida no Brasil e internacionalmente por ser a autora de *Quarto de despejo*.

Apesar da linguagem e da escrita livres de uma gramática normativa de Carolina Maria de Jesus, a narrativa traz reflexões na voz das personagens, a cerca de questões sociais, políticas e culturas do Brasil que sempre foram preocupações primordiais e existenciais na vida da escritora. *Pedaços da Fome* são pedaços de reflexões, ideias oriundas de sua experiência de fome. É preciso entender que os pedaços de fome são duplamente pedaços de Carolina Maria de Jesus quando entendemos que seus pedaços são também pedaços dela, isto é, que os seus fragmentos sobre a fome, são concomitantemente pedaços dela: objetivação de suas subjetivações mais profundas.

De acordo com a pesquisadora Fernanda Miranda, *Pedaços de Fome* tem uma importância histórica muito grande e ela reside no fato de ele ter sido o terceiro romance a ser publicado no nosso país por uma mulher, negra, pobre, comprovando mais uma vez que Carolina foi e ainda é uma voz da literatura brasileira. O primeiro romance de uma

autora negra brasileira foi *Úrsula* (1859), de Maria Firmino dos Reis, e o segundo *Água Funda* (1946), de Ruth Guimarães.

Por fim, transcrevo mais uma impactante citação de Carolina Maria de Jesus. “A fome também é professora” (JESUS, 1993, p.7) e mais adiante declara “Estive revendo os aborrecimentos que tive estes dias (...) suporto as contingências da vida resoluto. Eu não consegui armazenar para viver, resolvi armazenar paciência” (JESUS, 1983, p. 14).

Creio que um dos problemas da fome é exatamente quando se encerra nela mesma. O que a fome deve e pode nos ensinar? Por que a fome é uma profunda pedagoga? O que tem na fome de pedagogia que não encontramos em nenhuma outra situação, talvez na dor e no sofrimento, dos quais são somos isentos? Por que só as pessoas que passaram fome podem falar da fome com autenticidade? Ou qual a diferença da fome falada a partir de quem vivenciou a fome e a fome comentada a partir da observação fria daquele que experienciou a fome? Por que apenas poucos aprendem realmente com a fome? Carolina não pode se livrar da fome. Mas aprendeu muito com ela. Na fala acima ela deixa claro que uma das coisas que aprendeu com a fome ou com a falta de tudo em sua vida, foi a ter paciência. Carolina em seus dois volumes de *Casa de Alvenaria* fala com veemência sobre a fome a partir de expressão “custo de vida”. Quase uma centena de vezes ela usa essa expressão. E hoje, em pleno século XXI, especificamente no ano de 2022, o que a fome vivenciada por nosso povo pode e deve nos ensinar? Como a fome de hoje pode se transformar numa profunda pedagogia ou numa pedagogia profunda? Deixamos em aberto as questões para incitar a reflexão.

2.2. Uma literatura existencial

Antes de discorrer sobre as marcas da literatura existencial na obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, gostaria de traçar algumas considerações sobre o que é existencialismo de modo geral.

O existencialismo é uma corrente filosófica muito ampla e complexa. Por causa da complexidade das questões que refletem, chega a ser estudado na filosofia, na psicologia e na literatura. Na filosofia, temos como seus principais expoentes o filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard, representando o existencialismo cristão, depois temos Jean Paul Sartre, líder do existencialismo ateu. Além desses dois pensadores citados, temos também Martin Heidegger, Simone de Beauvoir, Rosa de Luxemburgo e muitos outros teóricos que desenvolveram uma filosofia existencialista. Na literatura, Carlos

Drummond de Andrade é um dos nomes mais fortes, mas são inúmeros escritores existencialistas na Literatura, como Cruz e Sousa, Clarice Lispector, Joao Cabral de Melo Neto, Lima Barreto, Augusto dos Anjos e para citar um português, o poeta Fernando Pessoa.

Mas, afinal, do que trata o existencialismo? Para Sartre, a frase famosa que resume as marcas do existencialismo é: “a existência precede a essência”. Isto quer dizer que antes de nós nos essencializarmos, nós existimos. E como é este ser humano que existe? É um homem fortemente marcado pela angústia, pelo sofrimento, pela fome, pela vontade de ser livre (e não consegue ser), pela morte, pelo desassossego e assim segue. Para Sartre o existencialismo é um humanismo. Ou seja, o existencialismo é uma corrente de pensamento humano que, além de tratar sobre questões subjetivas, nos humaniza. O existencialismo se contrapõe ao romantismo, ao racionalismo e ao idealismo platônico.

Tendo dito isto, agora vejamos o quanto tem de existencialismo na obra de Carolina Maria de Jesus, de modo especial em *Quarto de despejo*. Primeiramente, o tópico que acabamos de escrever acima, sobre a pedagogia da fome é um fortíssimo exemplo dessa literatura existencialista. Ao lermos e relermos a sua obra não nos falta a todo instante traços, marcas e casos reais dessa escrita existencialista. Estudando a obra de Carolina de frente para trás, de trás para frente encontramos uma Carolina angustiada, revoltada, inquieta diante da realidade que vive e em que vivem os seus semelhantes. É muito recorrente em toda obra a presença da expressão “fiquei horrorizada”. Carolina fica horrorizada com a desunião dos favelados, com os altos preços dos gêneros alimentícios, com a ganância dos políticos, com o fato de as mulheres serem violentadas pelos homens, pela pornografia na qual as crianças estão expostas e são incontáveis as revoltas da escritora diante de situações que poderiam ser diferentes. “A Ivone pediu a bacia, a Leila não queria devolver. Picou o fundo. Eu fiquei horrorizada”, (JESUS, 1995, p. 60).

Mas a atitude de ficar horrorizada vai para além de *Quarto de despejo*. Quando escreve *Casa de Alvenaria*, a escritora já fora da favela encontra-se sempre muito horrorizada com o fato de seus vizinhos a tratarem com alguém indigno de viver ali e quando começa a frequentar os banquetes em casas de políticos e pessoas famosas, ela se choca com a traição, com a prepotência desses indivíduos.

Quando cheguei em São Paulo, fui tomar um onibus para ir a Osasco. Os filhos estavam em completo abandono e queixo-me que o vizinho dos fundos expandiu-os porque eles pularam o muro. É que o vizinho é impricante. Eles não atinje o muro do vizinho. O homem xingou os meus filho disse-lhes que nós somos vagabundos que estamos habituados a comer coisas do lixo. Não

preocupei com as confusões porque a humanidade é tão noventa que é melhor slênciar-se diante de certas atitudes (JESUS, 2021, p. 60).

A literatura existencialista, embora sendo diferente da realista, apresenta vários traços semelhantes. Há muitos fatos que corroboram para uma escrita existencialista e realista ao mesmo tempo. Carolina mesmo, em várias passagens de sua obra fala que escreveu a realidade. “Fui na sapataria retirar os papeis. Um sapateiro perguntou-me se o meu livro é comunista. Respondi que é realista. Ele disse-me que não é aconselhável escrever a realidade” (JESUS, 1995, p.96). Logo em seguida nos deparamos com outros traços dessa escrita crítica, realista e que consegue ver os interstícios e as úlceras da sociedade que muitas vezes se tornam invisíveis numa escrita descomprometida com os problemas sociais. A escritora denuncia com veemência os efeitos deletérios das desigualdades sociais que esfolia e arranca o sorriso dos lábios de seu povo, de modo especial das crianças e dos idosos. Carolina escreve: “Se a gente pudesse escrever sempre elogiando! Se eu escrever que Valdemar é bom elemento quando alguém lhe conhecer não vai comprovar o que eu escrevi” (JESUS, 1995, p. 64).

Noutras passagens encontramos a todo instante uma Carolina notoriamente revoltada e profundamente triste com a sua existência e das pessoas com as quais lidava cotidianamente: “Havia pessoas que nos visitava e dizia: - credo, para viver num lugar assim só os porcos. Isto aqui é o chiqueiro de São Paulo. Eu estou começando a perder o interesse pela existência. Começo a revoltar. E a minha revolta é justa” (JESUS, 1995, p. 30).

A escrita existencialista, para quem não conhece, chega a soar como algo negativo, individualista e pessimista, - aliás, foram estas as críticas que Sartre teve que enfrentar pelos cristãos católicos ao escrever sobre a filosofia existencialista -, mas, na verdade, ela é uma literatura com os pés fincados na realidade e os problemas existenciais das pessoas. Carolina fala sem titubear: “A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro” (JESUS, 1995, p.147). Existe existencialismo maior que este?

Além de tudo o que já dissemos, a literatura existencialista de Carolina Maria de Jesus quer trazer presentes as suas questões mais subjetivas. Na obra de Carolina, as suas subjetividades não passam despercebidas. E é sobre isso que iremos falar, de modo sintético. Mas antes de entrar nestas questões, queremos frisar que objetividade, subjetividade e intersubjetividades são questões que não anulam umas às outras. Toda

subjetividade nasce numa objetividade e toda subjetividade se constrói na intersubjetividade (HALL,2014). E para citar um dos principais objetos de pesquisas do existencialismo, a morte, Carolina diz: “Temos só um jeito de nascer e muitos de morrer” (JESUS, 1995, p.161).

A renomada escritora inglesa Virginia Woolf escreveu um dos textos mais ilustres do século XX e nele ela faz uma contundente análise das condições sociais das mulheres e dos diversos tipos de limitações impostas ao seu trabalho intelectual no decorrer da história. Diante das questões que a autora inglesa observa, ela começa a pensar em estratégias que superem as barreiras do ambiente literário patriarcal e logo no início da obra escreve uma das partes mais célebres do livro:

Uma mulher precisa ter dinheiro e um quarto só seu se quiser escrever ficção; e isso, como vocês verão, não resolve o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção (WOOLF, 2020, p. 18).

Se fossemos escrever um trabalho sobre literatura comparada, esta obra de Virginia Woolf e a de Carolina Maria de Jesus daria um trabalho de pesquisa maravilhoso. Porém, como nosso intuito não é este. Aqui iremos traçar alguns comentários acerca das subjetividades ou dos problemas existenciais de Carolina que poderão ser ignorados diante de uma tese dessas defendidas por Woolf acima.

Primeiramente, nas condições em que Carolina Maria de Jesus vivia como um corpo despejado na cidade grande, numa favela de São Paulo, já comprometia em grande tamanho a possibilidade de essa mulher ter dinheiro e um quarto que pudesse ser só dela. Ainda bem que Woolf completa a sua tese dizendo que: “e isso, como vocês verão, não resolve o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção” (WOOLF,2020, p. 18). E não resolve mesmo.

Mesmo se a Carolina Maria de Jesus tivesse um quarto ou teto todo seu e dinheiro iria, como de fato aconteceu, encontrar todos os tipos possíveis de barreiras (arquitetônicas, psicológicas, sociais, antropológicas) para escrever ficção. Tudo o que ela sempre quis foi escrever romance, poesia, composição, mas quem conhece as suas obras, de modo especial *Casa de Alvenaria*, os discursos e as entrevistas que deu durante suas viagens, sabe que Audálio Dantas não permitiu que ela escrevesse o gênero ficção porque a considerava incapaz para essa empreitada. O que queremos dizer com isso ao descrever esta situação?

Tenho ampliado meus conceitos de existencialismo estudando a obra de Carolina Maria de Jesus. Em síntese, a sua escrita existencialista (crítica, real, nova, transgressora,

insubordinada), juntamente com suas questões subjetivas tornaram as suas publicações muito dificultosas. Mesmo assim, Carolina insiste em escrever, porque escrever para ela é uma questão absolutamente existencial, visceral. Escrever para Carolina é vida que se faz vida na vida das pessoas. Escrever para Carolina é subjetividade que agora se objetiva neste trabalho que faço depois de seu centenário. Carolina vive em mim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que concluir? As conclusões são sempre parciais e provisórias. Delas demandam novas conclusões, novas perguntas, novas introduções num movimento dialético inacabável. Os perfis conclusivos de um trabalho são a patente negação da complexa e imprevisível continuidade dinâmica dos atos e movimentos sociais que pretendem enquadrar. Nesse sentido impõe-se a inconclusão como única conclusão possível. O que posso concluir aqui é uma primeira reflexão, escrita em momentos históricos de encontros subjetivos. Não tenho a intenção de determinar, mas de procurar, caminhar, perguntar, admirar. E se agora registro esta reflexão, estas ideias, é porque o registro é também uma outra forma de encontro.

E Pacheco (2010) nos alerta que a legitimidade das conclusões são uma espécie de punhado de “ideias feitas” e dentre elas outras pistas para relançamento de debate. Ao

invés de conclusão, devo evocar as “considerações epocais”. Mas aqui a única conclusão legítima decorre da máxima de Blaise Pascal (1623-1662), que me inspira de modo grandioso: por trás de cada verdade é preciso aceitar que existe uma qualquer outra verdade que se lhe opõe.

De alguma maneira, toda conclusão tem o objetivo de dizer o essencial do caminho percorrido por prazeres e intempéries, apontando resultados colhidos ao longo da reflexão e pesquisa e, enfim, dar uma espécie de fechamento ao trabalho efetivado. Agora, porém, me resta o desafio de narrar o que resultou de meu estudo sobre a obra de Carolina Maria de Jesus, sem, contudo, pretender, fixar ou acabar uma verdade unívoca.

Minha pesquisa teve como foco principal refletir sobre os *Estranhamentos e rupturas na obra Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus; tal empreitada seria praticamente impossível de ser realizada em um trabalho de conclusão de curso com tempo e espaço limitados, tamanho é a quantidade de estranhamentos e rupturas encontrados nesta obra. O interesse pela obra de Carolina Maria de Jesus ocorre, na maioria das vezes, em virtude da divulgação de *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960). Tornou-se a entrada para a sua produção, que a crítica tem mostrado ser ampla e repleta de portas a serem abertas. Porém a sua obra é vasta, potente e vai muito além da obra citada, mais conhecida no país e para além dele. A escritora escreve ficção, romance, poesia. É uma notória intelectual.

No decorrer do meu trabalho descobri vários mitos acerca da vida e obra da escritora e que, segundo a pesquisadora Amanda Crispim Ferreira (2022), um dos grandes mitos que se criou ao redor da figura de Carolina Maria de Jesus e sua obra é o de que ela foi descoberta pelo Jornalista Audálio Dantas. É fato que Dantas teve uma participação importante no processo de organização e divulgação de seu livro, todavia a leitura de seus manuscritos revela que ela já escrevia antes do encontro com o repórter, em 1958, e que essa parceria foi importante para ambos. É obvio que Carolina precisava de um editor e Audálio Dantas, de uma grande obra. Audálio não foi a favela a procura de uma escritora, mas de uma favelada que ilustrasse sua reportagem e se surpreendeu. Hoje creio que muito mais que ser descoberta por Dantas, foi Carolina que o descobriu. O que seria do jornalista se não houvesse encontrado com a escritora naquela favela do Canindé?

Na minha luta incansável de conhecer a história da escritora, desde a infância em Sacramentos, até a sua morte, em Parelheiros, percebi que ela tinha tudo aquilo que se

esperava de um escritor: inspiração, incômodo com o sofrimento dos esfarrapados do mundo e da realidade na qual estava inserida, mais do que ninguém, tinha sensibilidade, formação literária, estudo, dedicação e, acima de tudo, uma força sem limites. Parafraseando Amanda Crispim Ferreira, Carolina só não tinha uma coisa: a pele branca. Acredito piamente que esse tenha sido o principal motivo de, mesmo escrevendo uma grande obra literária, vendendo, mais de 100 mil cópias no Brasil, tendo sido traduzida para mais de 14 línguas e sua obra tendo recebido diversas adaptações, ela sempre ter vivido às margens da sociedade brasileira e do racista cânone literário, pois esse era o lugar que o negro tinha direito (FERREIRA, 2022).

Entre alentos e desalentos, durante a confecção deste trabalho, tive a alegria de comprar e comer os dois volumes de *Casa de Alvenaria* (2021), ambos lançados pela Companhia das letras, uma das melhores editoras do Brasil. No ano de 2014, por ocasião do centenário de Carolina, várias pesquisadoras, doutoras e mestras escreveram sobre a vida da escritora numa obra organizada por Aliene Alves de Arruda (2016). Este ano, caiu uma questão no ENEM sobre a obra de Carolina. Em 2020, em plena pandemia, fora escrita uma obra “Carolinas” com mais de 120 escritoras mulheres negras inspiradas na escritora. Além disso, estes dias, tive o imenso prazer de conhecer a obra de Amanda Crispim Ferreira, uma tese doutoral sobre a poesia de Carolina Maria de Jesus. Tudo isto me faz acreditar que passos foram dados, mas que resta, todavia, muitos caminhos a serem percorridos. Isto nos encoraja e nos dá esperanças de que o sufocamento e silenciamento de vozes negras em nossa sociedade e em nossa literatura não será eterno. Isso me faz caminhar e agora começar outra vez a reler e aprofundar meus conhecimentos sobre Carolina Maria de Jesus, uma escritora autêntica e comprometida com a vida e seus entornos.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Aline Alves, BARROCA, Iara Christina Silva, TOLENTINO, Luana e MARRECO, Maria Inês. Memorialismo e Resistência. Estudos sobre Carolina Maria de Jesus. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2016.

BETTO, Frei. Paraíso perdido. São Paulo: Rocco, 2015.

BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico. O que é, como se faz. São Pulo: edições Loyola, 2013.

CANDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, 1750-1880. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2007.

FARIAS, Tom. Carolina: uma biografia. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

FERREIRA, Amanda Crispim. A poesia de Carolina Maria de Jesus: um estudo de seu projeto estético, de suas temáticas e de sua natureza quilombola. Rio de Janeiro: Malê, 2022.

FERNANDEZ, Raffaella. A poética de resíduos de Carolina Maria de Jesus. São Paulo: Edições Carolina, 1999.

FERNANDEZ, Raffaella. Carolina Maria de Jesus. Meu sonho é escrever. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. 9 ed. São Paulo: Ática, 2007.

JESUS, Carolina Maria de. Diário de Bitita. Rio de janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JESUS, Carolina Maria de. Casa de Alvenaria. Volume 1: Osasco. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

JESUS, Carolina Maria de. Casa de Alvenaria. Volume 2. Osasco. São Paulo: Companhia das letras, 2021.

LUDEMIR, Julio. Carolinas: a nova geração de escritores negras brasileiras. 1ª edição. Rio de Janeiro: Bazar do tempo: Flup, 2021.

MEIER, Celito. A educação à luz da pedagogia de Jesus de NAZARÉ. São Paulo: paulinas, 2006.

NASCIMENTO, Gabriel. Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte: letramento, 2019.

NODARI, Paulo César. Por quê? a arte de perguntar. São Paulo: Paulina, 2011.

NOUWEN, Henri. O curador ferido. Ministério na sociedade contemporânea. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

PACHECO, José. Escola da ponte. Formação e transformação da educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PERPÉTUA, Elzira Divina. A vida escrita de Carolina Maria de Jesus. Belo Horizonte: Nandyla, 2014

PERROT, Michele. As mulheres ou os silêncios da história. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. O mestre ignorante. Cinco lições sobre a emancipação intelectual. 3ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

RUBIO, Alfonso García. Unidade na pluralidade. O ser humano á luz da fé e da reflexão cristãs. São Paulo: Paulus, 2001.

SANTOS, Joel Rufino dos. Carolina Maria de Jeus, uma escritora improvável. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. Mulheres representadas na literatura de autoria feminina. Vozes de permanência e poética da agressão. Campina Grande: EDUEPB, 2010.

SCHWARZ, Roberto. Os pobres na literatura brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1983.

WOOLF, Virginia. Um quarto só seu. E três ensaios sobre as grandes escritoras inglesas; Jane Austen, Charlotte & Emily Bonte e George Eliot. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

WEIL, Pierre, LELOUP, Jean-Yves, CREMA, Roberto. Normose. A patologia da Normalidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1011.